



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIAS E
CONTABILIDADE - FEAAC
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

AMANDA RÉGIA DOS SANTOS REIS

**PROCESSO DE ADAPTAÇÃO CULTURAL DE ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE
MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: UM ESTUDO DE CASO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)**

FORTALEZA

2018

AMANDA RÉGIA DOS SANTOS REIS

PROCESSO DE ADAPTAÇÃO CULTURAL DE ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE
MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: UM ESTUDO DE CASO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Monografia apresentada no curso de
Administração do Departamento de
Administração, da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dra. Márcia Zabdiele
Moreira.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R298p Reis, Amanda Régia dos Santos.
Processo de adaptação cultural de estudantes em situação de Mobilidade Acadêmica Internacional : Um estudo de caso na Universidade Federal do Ceará (UFC) / Amanda Régia dos Santos Reis. – 2018.
82 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Administração, Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Márcia Zabdiele Moreira.
1. Adaptação Cultural. 2. Mobilidade Acadêmica Internacional. I. Título.

CDD 658

AMANDA RÉGIA DOS SANTOS REIS

PROCESSO DE ADAPTAÇÃO CULTURAL DE ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE
MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: UM ESTUDO DE CASO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Monografia apresentada no curso de
Administração do Departamento de
Administração, da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Administração.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Márcia Zabdiele Moreira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Kilvia Souza Ferreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Alane Siqueira Rocha
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Regina e Alzir.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por todas as conquistas e vitórias que alcancei ao longo da minha vida; por ter me dado saúde e força para correr atrás dos meus objetivos e por nunca ter me deixado faltar nada.

Aos meus pais Regina e Alzir, por sempre terem desejado e lutado para que eu tivesse o melhor, por todo o esforço, dedicação, amor e carinho dados a mim.

A minha avó Joana e a minha tia Alcimar, por terem estado ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

A todos os amigos que eu fiz ao longo da graduação e em especial as minhas colegas de trabalho em equipe Thais Barbosa, Maria Erivanilda e Larissa Araújo.

A todos os Docentes da Universidade Federal do Ceará por terem me proporcionado uma educação maravilhosa, repleta de muito conhecimento.

A todos que concordaram em participar desta pesquisa, que foram tão atenciosos e cederam o seu tempo para responder aos meus questionamentos; Silvia, Rubem, Diana, Carmen, Felizardo, Jéssica, Leisi, Laura e professor Konrad Utz deixo aqui o meu muito obrigada a vocês.

A minha orientadora, Prof. Dra. Márcia Zabdiele, por todo o tempo, atenção e sabedoria dedicados a mim e por ter me dado as orientações que fizeram esse trabalho se tornar possível. Do mesmo modo, gostaria de agradecer às professoras participantes da banca examinadora, Prof. Dra. Kilvia Ferreira e Prof. Dra. Alane Siqueira pela solicitude e atenção dadas a esta pesquisa.

E por fim gostaria de agradecer também àqueles que mesmo não tendo participado diretamente desta pesquisa contribuíram de alguma forma e em especial quero agradecer a Didex Diva e ao Programa de Apoio ao Intercambista (PAI) que me indicaram os alunos que fizeram parte da coleta de dados da pesquisa em questão.

“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele.” (Immanuel Kant).

RESUMO

Com o passar do tempo as pessoas vêm demonstrando cada vez mais interesse em conhecer novas culturas, aprender novos idiomas e adquirir conhecimento oriundo das mais diversas Instituições de Ensino; e nos dias atuais com o advento da tecnologia e globalização nota-se que é crescente o número de indivíduos que buscam por meio da mobilidade acadêmica internacional usufruir de um ensino superior de qualidade e capacitar-se profissionalmente. Nesse sentido, faz-se necessário compreender como se dá o processo de adaptação desses indivíduos quando da sua locomoção para um país estrangeiro tendo por finalidade realizar um intercâmbio acadêmico, uma vez que uma experiência de intercâmbio mal sucedida acarreta em prejuízos tanto para o estudante quando para as Instituições de Ensino envolvidas. Desse modo, a presente pesquisa tem por objetivo geral analisar o processo de adaptação cultural de estudantes estrangeiros em situação de mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Ceará. Para isso, entretanto, foi necessário inicialmente fazer um estudo bibliográfico acerca do assunto a fim de dar um embasamento teórico à pesquisa e posteriormente foram realizadas entrevistas de caráter semiestruturadas junto a oito indivíduos, sendo estes alunos estrangeiros que se encontram atualmente realizando intercâmbio acadêmico na Universidade Federal do Ceará e ex-alunos, que anteriormente participaram de programas de mobilidade acadêmica internacional alocados na Universidade Federal do Ceará, tendo, porém já finalizado os seus estudos na universidade e regressado aos seus países de origem. Os resultados obtidos revelam que as principais dificuldades inerentes ao processo de adaptação não são decorrentes, de fato, das diferenças culturais entre o Brasil e o país de origem desses estudantes, mas sim de outros fatores que se tratados antecipadamente pelos Órgãos competentes da Universidade podem tornar a experiência do intercâmbio bem mais proveitosa para estes alunos. Com isto pôde-se concluir que a Instituição de Ensino Superior detém um papel muito importante no processo de adaptação de seus estudantes estrangeiros, uma vez que é inicialmente a responsável por recepcioná-los, orientá-los e auxiliá-los no processo de inclusão ao ambiente acadêmico e social do país no qual estes indivíduos estão se inserindo.

Palavras-Chave: Estudantes Estrangeiros. Mobilidade Acadêmica Internacional. Adaptação Cultural.

ABSTRACT

Over time people have been showing an increasing interest in learning about new cultures, learning new languages and gaining knowledge from the most diverse teaching institutions; and in the present day with the advent of technology and globalization it is noted that the number of individuals who seek through international academic mobility to enjoy quality higher education and to qualify professionally is increasing. In this sense, it is necessary to understand how the process of adaptation of these individuals occurs when they move to a foreign country for the purpose of carrying out an academic exchange, since an unsuccessful exchange experience causes losses both for the student when for the Teaching Institutions involved. Thus, the present research has as general objective to analyze the process of cultural adaptation of foreign students in a situation of international academic mobility at the Federal University of Ceará. To achieve this objective, however, it was necessary initially to make a bibliographic study about the subject in order to give a theoretical basis to the research, and posteriorly semistructured interviews were carried out with eight individuals, being these foreign students who are currently participating in an academic exchange at the Federal University of Ceará and former students who have previously participated in the same experience of international academic mobility at the Federal University of Ceará, but have already finished their studies and returned to their countries of origin. The results show that the main difficulties inherent to the adaptation process are not due to the cultural differences between Brazil and the country of origin of these students, but rather to other factors and if they were treated in advance by the competent Organs of the University, the experience of academic exchange would be more beneficial to these students. Thus, it was possible to conclude that the Institution of Higher Education holds a very important role in the process of adaptation of its foreign students, since it is initially responsible for receiving them, guiding them and assisting them in the process of inclusion to the environment academic and social context of the country in which these individuals are entering.

Keywords: Foreign Students. International Academic Mobility. Cultural Adaptation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Resultados do programa <i>ERASMUS</i> (1987-2017)	26
Figura 2 – O <i>Iceberg</i> da cultura.	32
Figura 3 – Curva U – Modelo de adaptação de Oberg (1854)	36
Figura 4 – Modelo de Aculturação de J. Berry (1997)	37
Figura 5 – Modelo de Identificação cultural e estresse – Sánchez, Spector e Cooper (2000) .	38
Figura 6 – Modelo de adaptação e crescimento pelo estresse – Kim (1995)	39
Figura 7 – Fases da transição de Bridges (1980).....	40
Figura 8 – Números da Mobilidade Acadêmica Internacional da UFC (2016/2017).....	51
Figura 9 – Logo do Programa de Apoio ao Intercambista (PAI – UFC)	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – <i>International student numbers at the tertiary level from 1955–2002</i>	20
Gráfico 2 – Evolução do número de estudantes matriculados fora do seu país de cidadania (1975 - 2012) (em milhões).....	22
Gráfico 3 – Distribuição de intercambistas no ensino superior, por região de origem (2013).	23
Gráfico 4 – Distribuição de intercambistas no ensino superior, por país de destino (2013). ...	23

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mobilidade Acadêmica Internacional dos países do BRICS.....	25
Quadro 2 – Resumo dos Procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.....	46
Quadro 3 – Perfil dos entrevistados.....	53
Quadro 4 – Principais aspectos envolvidos na adaptação dos estudantes estrangeiros.....	54
Quadro 5 – Conhecimento prévio da cultura brasileira.....	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 Mobilidade Acadêmica Internacional.....	18
2.1.1 Retrospectiva histórica da Mobilidade Acadêmica Internacional	18
2.1.2 Conceituando a Mobilidade Acadêmica Internacional.....	21
2.1.3 Estatísticas e cenários da Mobilidade Acadêmica Internacional.....	22
2.1.4 Programas de Incentivo a Mobilidade Acadêmica Internacional.....	25
2.1.5 Benefícios da Mobilidade Acadêmica Internacional.....	27
2.1.6 Dificuldades Inerentes ao processo de Mobilidade Acadêmica Internacional	29
2.2 Adaptação Cultural	31
2.2.1 Definição de cultura, adaptação cultural e choque cultural e as suas influências no processo de mobilidade acadêmica internacional.....	31
2.2.2 Teorias da adaptação cultural.....	35
2.2.2.1 Modelo de Oberg – Curva U (1854).....	35
2.2.2.2 Modelo da Aculturação – J. Berry (1997)	37
2.2.2.3 Modelo de identificação cultural e estresse – Sánchez, Spector e Cooper (2000).....	38
2.2.2.4 Modelo de adaptação e crescimento pelo Estresse - Young Yun Kim (1995)	39
2.2.2.5 Modelo de transição – W. Bridges (1980).....	40
3 METODOLOGIA.....	42
3.1 Classificação da pesquisa	42
3.1.1 Quanto à abordagem.....	42
3.1.2 Quanto aos objetivos	43
3.1.3 Quanto aos procedimentos técnicos	43
3.1.4 Quanto à coleta dos dados	43
3.1.5 Quanto à análise dos dados.....	44
3.1.6 Objeto de Estudo	44
4 ANÁLISE DOS DADOS	48
4.1 Contextualizando a Universidade Federal do Ceará.....	48
4.1.1 Lema, Missão e Visão da Universidade Federal do Ceará	48
4.1.2 Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Ceará.....	49
4.1.3 Mobilidade Acadêmica Internacional na Universidade Federal do Ceará	50
4.2 Processo de Adaptação dos Estudantes Estrangeiros em situação de mobilidade acadêmica	

internacional na Universidade Federal do Ceará.....	53
4.2.1 Dificuldades Inerentes ao processo de adaptação.....	55
4.2.3 Motivações para a realização do intercâmbio (no Brasil)	58
4.2.4 Expectativas com relação ao intercâmbio	60
4.2.5 Conhecimento prévio da cultura do Brasil	61
4.2.6 Papel da Universidade no processo de adaptação dos alunos	63
4.2.7 Transformações acarretadas pela experiência do intercâmbio	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS	72
ANEXO A – INFOGRÁFICO TRIBUNA DO CEARÁ.....	77
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA 1 (INTERCAMBISTA).....	80
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA 2 (GESTOR).....	82

1 INTRODUÇÃO

Diversos são os fatores que motivam o deslocamento populacional; este pode se dar em razão de questões políticas, desastres naturais, perseguições culturais ou étnicas, guerras, busca por melhores condições de vida, por trabalho, perspectiva de crescimento profissional, dentre outros (MARINUCCI; MILESI, 2011). Para Melgar (2002) os movimentos migratórios seguem uma sistemática relativamente fácil de entender. As pessoas migram com o intuito de melhorar a sua qualidade de vida, migram para escapar de perseguições políticas, para fugir da guerra, da seca, da pobreza, da crise econômica, dentre outras catástrofes de ordem natural, econômica ou política. Migram com o desejo de preservarem suas vidas, conseguir emprego, poder estudar, ter acesso a saúde e viver de forma mais digna.

As migrações não são um fenômeno recente, ocorrem desde os primórdios da humanidade, entretanto, ganharam destaque apenas no início do século XVIII a partir da Revolução Industrial, episódio esse, que ocasionou o deslocamento de uma massa de indivíduos das áreas rurais para as áreas urbanas à procura de melhores oportunidades de se viver (LIMA, 2015).

No contexto brasileiro, a princípio, a presença de estrangeiros estava diretamente relacionada aos interesses econômicos e políticos da coroa Portuguesa, no século XIX, aqueles que aqui chegavam advindos de outros países estavam inseridos em uma política migratória que tinha por objetivo servir de mão de obra no setor agrícola. Ao longo dos anos, a essa gama de estrangeiros, predominantemente formada por europeus, foram sendo acrescentadas pessoas de outras nacionalidades. Entre os séculos XIX e XX, mais de quatro milhões de estrangeiros teriam atracado aos portos brasileiros (PRADO; COELHO, 2015).

Entretanto, nos dias atuais, com o advento da tecnologia e globalização, o que se nota é que, além da presença daqueles que chegam ao Brasil em busca de emprego, há também a vinda de um grupo seletivo de indivíduos que, anseiam, principalmente, encontrar em terras brasileiras a possibilidade de desenvolvimento e capacitação profissional.

O processo de mobilidade acadêmica vem se tornando cada vez mais comum. Estudantes das mais diversas localidades têm demonstrado interesse em aprender novos idiomas, inserir-se em novas culturas e adquirir conhecimentos oriundos de diferentes instituições de ensino. Parte desses estudantes é composta por indivíduos que sem perspectiva de trabalho e crescimento profissional nos seus países de origem, buscam em outras

localidades melhores oportunidades de desenvolvimento profissional (STALLIVIERI; PILOTTO; GONÇALVES, 2015).

Há também aqueles indivíduos que buscam os programas de mobilidade acadêmica influenciados por motivações de cunho pessoal, estão à procura de novas experiências e acreditam que o intercâmbio proporcionará em suas vidas uma experiência única, “irrepetível”, capaz de influenciar positivamente no seu crescimento pessoal, já que ao se afastar do ambiente e do convívio familiar, o intercambista desenvolve uma maior independência, a sensação de autoconfiança se mostra cada vez mais presente e há também a conquista, mesmo que por um breve período, da sua autonomia (PONS; HERRERO; ANDREAS, 2007).

Faz-se necessário ressaltar ainda que a questão cultural tem um enorme peso entre esses alunos, que se sentem atraídos, sobretudo pelas atrações lúdicas e culturais proporcionadas pelo país de destino. Ademais, há o interesse em ampliar suas redes de relacionamentos ao conhecer novas pessoas, tanto nativas quanto outros intercambistas, que se encontram na mesma situação de mobilidade acadêmica. Por fim, a realização do intercâmbio representa para esses indivíduos a quebra de rotina, fato deveras importante para os mesmos (PONS; HERRERO; ANDREAS, 2007).

Todavia, no momento em que esses estudantes se estabelecem em outro país, as diferenças culturais são fortemente percebidas, influenciando negativamente no processo de adaptação. Isso ocorre, visto que, ao adentrar em um novo país o intercambista traz consigo referências culturais que são reflexos do seu país de origem, tais como hábitos, crenças, costumes, valores, idioma, aparência física, dentre outros (STALLIVIERI; PILOTTO; GONÇALVES, 2015).

Assim sendo, pode-se dizer que quando da mudança de um indivíduo para outro ambiente social, que não o seu, este, inevitavelmente, passa por um processo de adaptação cultural. Nesse contexto, a adaptação cultural é tida como a capacidade de ajustar-se a uma cultura diferente da sua. Esta adaptação, por sua vez, é deveras importante, visto que, mesmo estando distante do local no qual foi originalmente socializado, faz-se necessário que o indivíduo seja capaz de atuar de forma eficiente no trato de suas funções no país em que passou a residir (AFS *INTERCULTURAL PROGRAMS*, 2015; HASLBERGER, 2005).

Desse modo e dada a relevância social que envolve a questão supracitada, o presente estudo tem por intuito responder a seguinte problemática de pesquisa: como se dá o processo de adaptação cultural dos estudantes estrangeiros que se encontram em mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Ceará (UFC)?

Esta pesquisa possui como objetivo geral analisar o processo de adaptação cultural de estudantes estrangeiros em situação de mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Os objetivos específicos deste estudo são:

- a) Identificar as principais dificuldades inerentes ao processo de adaptação cultural dos estudantes estrangeiros alocados na Universidade Federal do Ceará;
- b) Compreender os motivos que levam os estudantes estrangeiros a realizarem o intercâmbio acadêmico na Universidade Federal do Ceará.
- c) Analisar o conhecimento cultural prévio que os estudantes estrangeiros tinham antes de vir ao Brasil e quais as expectativas com relação ao intercâmbio.
- d) Identificar o papel da Universidade no processo de adaptação dos intercambistas da Universidade Federal do Ceará.
- e) Avaliar como o intercâmbio gerou transformações no modo do estudante estrangeiro perceber a sua cultura de origem e a cultura brasileira.

Justifica-se a realização de uma pesquisa acadêmica embasada na temática acima apresentada, tendo em vista a relevância social que envolve o tema e o quão contemporâneo ele se mostra em relação ao atual contexto brasileiro, e que uma maior produção acadêmica sobre o assunto pode acarretar em transformações sociais positivas na realidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Além de que para os campos de estudo das áreas de psicologia e administração a temática se mostra bastante pertinente.

O presente trabalho possui natureza qualitativa por ser este um método que se preocupa com o “aprofundamento da compreensão de um grupo social” (GOLDENBERG, 1997, p. 34). Quanto aos fins trata-se de uma pesquisa descritiva, tendo em vista que se busca descrever os fatos, sem, contudo interferir neles (ANDRADE, 2010).

O universo desta pesquisa é composto tanto pelos alunos estrangeiros que se encontram atualmente realizando intercâmbio acadêmico na Universidade Federal do Ceará quanto pelos estrangeiros que participaram anteriormente de programas de mobilidade acadêmica internacional alocados na UFC, tendo, porém já finalizado os seus estudos na

universidade e regressado aos seus países de origem (ex-alunos da universidade). A amostra total, por sua vez, é formada por 08 estrangeiros, sendo estes alunos e ex-alunos da Universidade Federal do Ceará, sem distinções de curso ou nacionalidade. Os mesmos foram selecionados por conveniência, de acordo com a disponibilidade de cada um.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a do método de entrevista semiestruturada, sendo estas conduzidas individualmente pelo próprio pesquisador de acordo com roteiro previamente definido e alinhado com os objetivos e referencial teórico desta pesquisa.

A pesquisa em questão está organizada em cinco seções. Além da seção introdutória, tem-se na segunda seção deste trabalho uma revisão bibliográfica, que discorre sobre os conceitos de mobilidade acadêmica, tanto no contexto nacional quanto internacional; e, sobre as teorias, presentes na literatura, acerca do processo de adaptação cultural. Na terceira seção é apresentada a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa. Na quarta seção é feita a análise dos dados coletados. Por fim, na quinta seção, têm-se as considerações finais do estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa está dividido em dois subitens. O primeiro trata de explanar sobre a mobilidade acadêmica em si, sua definição e principais tópicos referentes ao assunto. Por sua vez, o segundo subitem se concentra na adaptação cultural, onde são abordados as definições de cultura, adaptação e choque cultural, além das teorias mais importantes presentes na literatura acerca da adaptação cultural.

2.1 Mobilidade Acadêmica Internacional

A princípio, os pontos explanados nesta seção fazem menção ao contexto histórico em que o fenômeno da mobilidade acadêmica surgiu e posteriormente discorre-se sobre os demais conceitos referentes ao assunto, tais como, os benefícios e dificuldades inerentes ao processo da mobilidade acadêmica, estatísticas e cenários da mobilidade acadêmica no contexto nacional e internacional, programas de incentivo a mobilidade, dentre outros.

2.1.1 Retrospectiva histórica da Mobilidade Acadêmica Internacional

Segundo De Wit (2008) *apud* Castro e Neto (2012) acredita-se que o fenômeno da internacionalização do ensino superior teve início a partir de 1945, no continente europeu, como consequência dos efeitos causados pela 2ª Guerra mundial. Tendo por intuito subsidiar o conhecimento necessário ao desenvolvimento e reconstrução das cidades mais afetadas pela guerra, foram feitos investimentos em bolsas de capacitação, acordos culturais e científicos e mobilidade estudantil. De forma similar, Nogueira, Aguiar e Ramos (2008) defendem que a datar do fim da segunda guerra mundial deu-se início a uma crescente circulação de universitários pelo exterior.

No entanto, para Luzón e Cardim (2008), o processo de mobilidade estudantil não deve ser considerado um evento tão recente, pois desde o início da história universitária da Idade Média era freqüente que houvesse mobilidade de estudantes por toda a Europa. O fato de que se adotava o latim como língua veicular favoreceu a realização desses intercâmbios e propiciou a disseminação do conhecimento. Stallivieri (2017) complementa essa definição ao citar que:

Os grupos moviam-se em busca do mesmo objetivo: adquirir conhecimento. Para tanto deslocavam-se de uma universidade para a outra. Usava-se a mesma língua para comunicação, o latim, que era usado como língua franca. Adotava-se somente um currículo, e a estrutura das universidades era muito parecida, o que facilitava o reconhecimento dos ambientes por estudantes e professores. Esse caráter internacional do modelo de universidade medieval européia garantiu a universalidade do conhecimento e das próprias instituições geradoras e promotoras desse bem mundial (p. 29).

Durante a Idade Média muitos artistas, artesões e estudantes caminhavam pelas estradas, deslocando-se de cidade em cidade, de país em país, em busca dos lugares mais propícios. Estudantes visitavam diferentes países nos quais se encontravam as principais universidades do mundo e isso, fomentava a propagação de diferentes culturas, em um eficaz sistema de intercâmbio espiritual e artístico (BÜHLER, 2005; CAZALES; LEAL, 2014).

Mais tarde, a Reforma Protestante teve um papel decisivo nos sistemas universitários. Passou a adotar-se nas universidades o uso das línguas oficiais de cada país, tanto no ensino quanto na publicação de pesquisas científicas, desse modo houve uma fragmentação daquele antigo sistema universitário universal, adotado na idade média, para múltiplos subsistemas estaduais (LUZÓN; CARDIM, 2008).

Pode-se dizer, entretanto, que a mobilidade acadêmica, em si, existe desde antes de Cristo, visto que, nessa época era comum que jovens da sociedade romana se deslocassem até a Grécia tendo por intuito aprofundar seus estudos nas áreas das artes, literatura, letras e filosofia. Por sua vez, com a Revolução Industrial, ocorrida no século XIX, como consequência da maior facilidade de acesso aos meios de transporte e comunicação, houve um incremento no número de viagens estudantis. Ao retornarem de suas experiências internacionais os estudantes disseminavam os conhecimentos adquiridos criando, nos seus países de origem, centros de estudo e atraindo dessa forma pesquisadores e outros estudantes de diversas partes do mundo (STALLIVIERE, 2017).

Todavia, foi no final do século XX, impelido pelo fenômeno da globalização, que o processo de mobilidade acadêmica passou a ter grande destaque. As mudanças ocorridas nos diferentes âmbitos da sociedade (cultural, econômico, político, social, etc.) acabaram por instigar mudanças no comportamento do homem, que passou a buscar respostas e desenvolver competências que atendessem as necessidades e exigências impostas por essa sociedade globalizada (STALLIVIERE, 2017).

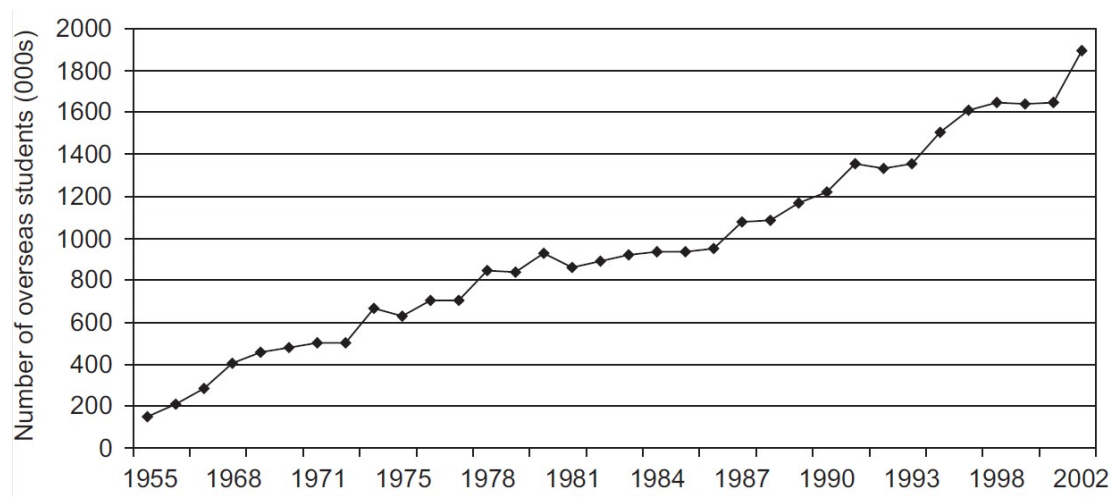
Para Franklin, Zuin e Emmendoerfer (2017) a globalização moldou a sociedade de uma forma mais rápida, prática e acessível. O fluxo de informações e o deslocamento de mercadorias e pessoas, outrora tão difícil, se tornaram mais fácil, e estas facilidades acabaram por incitar o interesse das pessoas por aprender sobre novas culturas, compartilhar conhecimento, inserir-se em outros países.

Em um contexto nacional, têm-se registros de que durante os anos 70, o Brasil, através de Órgãos nacionais de promoção à pesquisa científica e utilizando-se de recursos financeiros do governo federal, passou a incitar a ida de bolsistas brasileiros ao exterior, com o intuito de que estes pudessem realizar seus estudos (principalmente em nível de mestrado e doutorado) em uma instituição estrangeira (STALLIVIERE, 2017).

Atualmente, o Ministério da Educação (MEC) e as instituições de Ensino Superior vêm estimulando a prática de intercâmbios internacionais através de convênios acadêmicos com Universidades estrangeiras e bolsas de estudos, na qual, é possível que os alunos de determinada instituição possam realizar intercâmbio em uma universidade parceira por alguns meses e ter todos os créditos das cadeiras cursadas no exterior aproveitados para o processo de formação na sua universidade de origem (CARVALHO *et al.*, 2016).

Por meio do Gráfico 1, Naidoo (2006) ilustra a mobilidade internacional de estudantes, ao longo do tempo, utilizando-se de dados disponibilizados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Gráfico 1 – *International student numbers at the tertiary level from 1955–2002.*



Fonte: Naidoo (2006, p. 327).

Infere-se pelo Gráfico 1 que no ano de 2002, aproximadamente 1,9 milhões de estudantes se encontravam em mobilidade acadêmica no exterior, um crescimento vertiginoso se comparado com o ano de 1955 no qual menos de duzentos mil estudantes se encontravam estudando fora dos seus países de origem.

2.1.2 Conceituando a Mobilidade Acadêmica Internacional

“Um conceito simples aproxima a palavra intercâmbio de troca, permuta. Num sentido amplo, o intercâmbio pode ser entendido como forma de trocar informações, crenças, culturas, conhecimentos” (DALMOLIN *et al.*, 2013, p.443). Nesse contexto, atualmente, compreende-se a palavra “intercâmbio” como um programa que tem por principal objetivo proporcionar a possibilidade de que estudantes vivenciem, em instituições de ensino estrangeiras, experiências acadêmicas que contribuam para o seu crescimento profissional e pessoal, através da interação com novas culturas e da troca de conhecimentos com outros povos (ARI, 2015).

Ao longo dos anos o conceito de mobilidade acadêmica internacional (ou intercâmbio) passou por algumas transformações, principalmente no decorrer da década de 90. Um conceito importante sobre a assunto foi apresentado pela UNESCO (1998), que classifica a mobilidade em *vertical mobility* e *horizontal mobility* (STALLIVIERE, 2017).

Caso a mobilidade se enquadre na categoria vertical, isso significa que o aluno se deslocará para um país economicamente mais avançado/ desenvolvido do que o seu país de origem. Pode-se dizer desse modo, que a Universidade de destino também se mostrará mais desenvolvida/ superior em termos de qualidade de ensino do que a Universidade de origem do aluno. No caso da mobilidade horizontal, o aluno se deslocará para um país que possui condições econômicas semelhante ao do seu país de origem, nesse caso, a instituição de ensino estrangeira, do mesmo modo, se assemelhará em nível de qualidade acadêmica com a instituição de origem do indivíduo (RIVZA; TEICHLER, 2007).

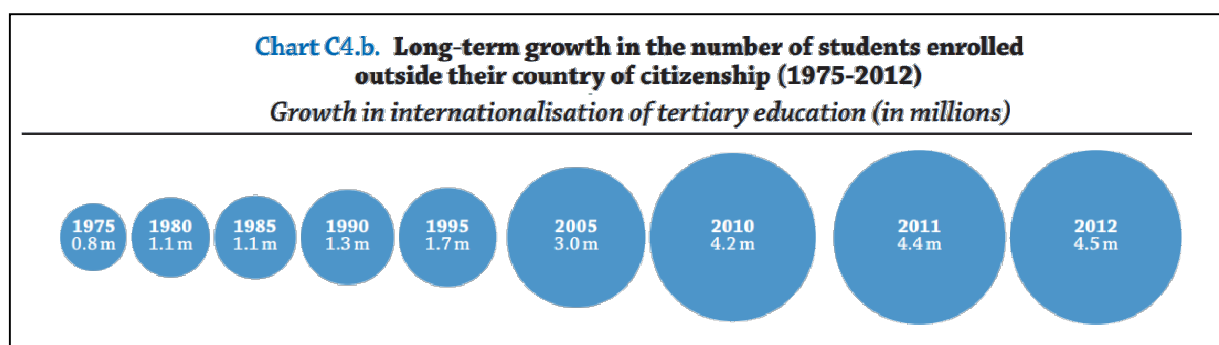
De modo similar, Stallivieri (2017) explica que na mobilidade vertical tem-se o deslocamento de alunos de países economicamente desfavorecidos para países que possuem uma economia mais forte, com o intuito de desfrutar de uma educação superior de melhor qualidade para que mais tarde estes estudantes venham a ter, em seus países de origem, uma boa posição no mercado de trabalho. Na grande maioria dos casos de mobilidade vertical, se faz necessário que os intercambistas permaneçam na instituição acolhedora durante todo o período de duração do curso acadêmico. Almeja-se, para tanto, que os estudantes sejam capazes de adaptar-se aos ambientes de estudos do país anfitrião, mesmo com todas as diferenças existentes entre a instituição de origem e a instituição hospedeira.

Ainda de acordo com a mesma autora, a mobilidade horizontal é realizada freqüentemente com um período de duração menor, visto que as instituições de ensino envolvidas no processo de mobilidade acadêmica, tanto a do país hospedeiro quanto a do país de origem, são quistas como instituições em nível de igualdade. Nesse caso, espera-se que os estudantes se adaptem melhor e mais rapidamente aos ambientes fornecidos pela instituição anfitriã e aos padrões locais do país hospedeiro.

2.1.3 Estatísticas e cenários da Mobilidade Acadêmica Internacional

Dados de 2012 da OECD mostram que no decorrer dos últimos 30 anos o número de alunos matriculados fora do seu país de origem cresceu drasticamente de 800 mil (no mundo inteiro) em 1975 para 4,5 milhões em 2012, ou seja, um aumento vertiginoso de quase 500 %. É possível, do mesmo modo, observar esse crescimento por meio do Gráfico 2, que representa de forma ilustrativo o aumento no número de intercâmbios entre os anos de 1975 e 2012.

Gráfico 2 – Evolução do número de estudantes matriculados fora do seu país de cidadania (1975 - 2012) (em milhões)

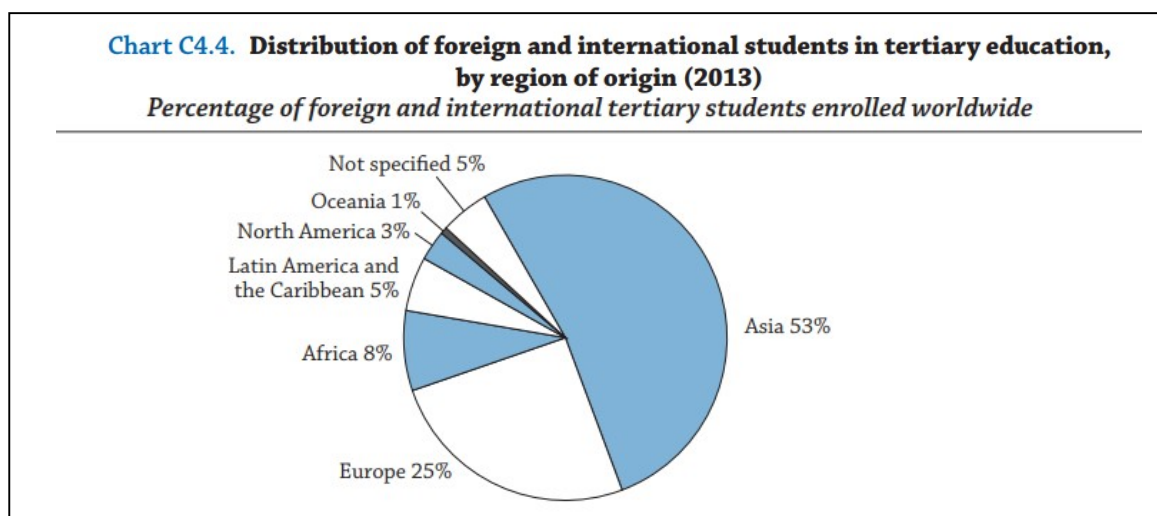


Fonte: OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) (2015, p. 360).

Até 2029 a OECD estima que, no mundo inteiro, haverá um crescimento de 200% no número de estudantes que participarão de atividades educacionais em instituições fora do seu país de origem. Em termos numéricos, seriam aproximadamente 10 milhões de intercambistas realizando estudos nas mais diversas instituições ao redor do mundo (STALLIVIERI, 2017).

Estudantes da Ásia formam o maior contingente de intercambistas, de acordos com dados da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e da OECD, totalizando 53% do número de alunos matriculados em uma instituição estrangeira no ano de 2013. A segunda maior proporção de intercambistas vem da Europa, com 20%, seguidos pelo continente Africano, com 8%. No Gráfico 3 pode-se observar a distribuição dos intercambistas por região de origem, para o ano de 2013.

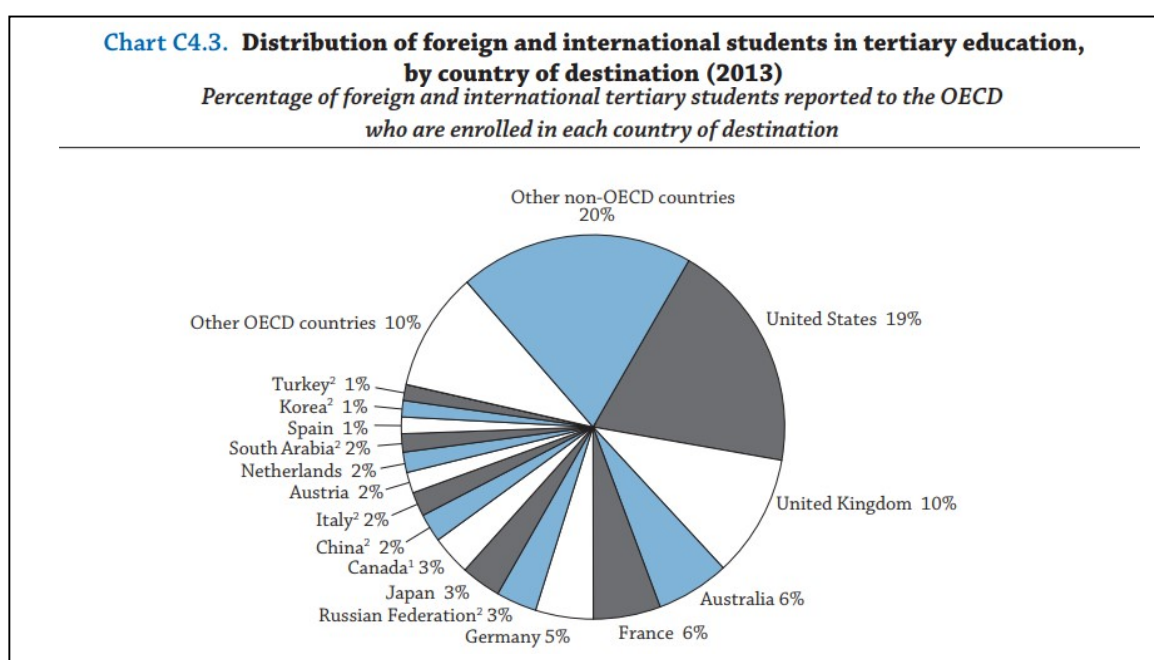
Gráfico 3 – Distribuição de intercambistas no ensino superior, por região de origem (2013)



Fonte: OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) (2015, p. 360).

No que diz respeito aos países escolhidos como destino para a realização do intercâmbio, existe claramente um favoritismo por um conjunto específico de nações. De acordo com dados fornecidos pelo *Global Flow of Tertiary Level Students* do *Institute for Statistics* da UNESCO, no ano de 2013, seis países hospedaram sozinhos quase metade do contingente de estudantes em mobilidade internacional, foram eles: Estados Unidos (19%), Reino Unido (10%), Austrália (6%), França (6%), Alemanha (5%) e Rússia (3%), conforme é possível constatar no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Distribuição de intercambistas no ensino superior, por país de destino (2013)



Fonte: OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) (2015, p. 356).

De acordo com Lombas (2017) a escolha dos estudantes pelo país hospedeiro para a realização do intercâmbio é pautada pela excelência da qualidade, ou seja, são priorizados na escolha os países fornecedores de conhecimento de ponta, normalmente localizados no Ocidente. Stallivieri (2017) ressalta que outros fatores também influenciam no processo de decisão do país, são eles: o idioma adotado na instituição, a semelhança com o seu país de origem, localização geográfica do país e da instituição, facilidades e oportunidades, além da influência de escolha exercida pelos familiares e amigos.

Entretanto, com o decorrer dos anos, a América latina vem se configurando cada vez mais, dentre os intercambistas, como uma opção de acolhida para a realização do intercâmbio. Dentre esses países, o Brasil, como uma potência economicamente emergente, se mostra como uma opção viável para a recepção de estudantes estrangeiros. Atualmente, os alunos que procuram os países da América Latina, em sua maioria, são provenientes de países da Europa ou Estados Unidos e buscam por programas de intercâmbio na Costa Rica e México, objetivando aprender a língua espanhola e interagir com a cultura latino-americana (STALLIVIERI, 2017).

No que se refere ao Brasil, segundo o relatório “*BRICS: Building Education for the Future*” publicado pela UNESCO no ano de 2014, entre os anos de 2011 e 2012 o número de brasileiros estudando no exterior atingiu a marca de 30.729, em contrapartida, o número de estrangeiros estudando no Brasil totalizou apenas 14.432, indicando que o país envia mais do recebe estudantes, conforme o quadro 1.

Os países do BRICS (*Brazil, Russia, India, China and South Africa*) vêm se mostrando importantes colaboradores no processo de internacionalização do ensino superior. Tendo em vista o crescente aumento no número da busca por instituições de ensino superior no exterior (aproximadamente 4,3 milhões de intercambistas em 2011) os BRICS acreditam que todos os sistemas educacionais superiores devem oferecer suporte a internacionalização e nesse sentido, vem fazendo grandes esforços para incentivar o intercâmbio de estudantes. A China e a Índia são os países que enviam a maior quantidade de alunos para o exterior, seguidos pela Rússia e Brasil, que do mesmo modo enviam um número bem expressivo de estudantes (UNESCO, 2014).

Do mesmo modo, pode-se perceber ao analisar o quadro 1, que dentre os países do BRICS o Brasil é aquele que acolhe o menor número de estudantes estrangeiros. No entanto, é importante ressaltar que assim como todos os demais BRICS, o Brasil encoraja a realização de intercâmbios e tenta tornar suas Instituições de Ensino Superior o mais atraentes para os

estudantes internacionais. Pode-se citar como exemplo de uma dessas ações de atração, o fato do Brasil ter criado universidades internacionais com o intuito de acolher alunos provenientes da América Latina (A Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA) e de países da África que falam a língua portuguesa (A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Latino-Americana – UNILAB).

Quadro 1 – Mobilidade Acadêmica Internacional dos países do BRICS.

	Brasil	China	Índia	Federação Russa	África do Sul
Estudantes fora do país	30.729	694.385	189.472	51.171	6.378
1º país de destino	Estados Unidos: 8.745	Estados Unidos: 210.452	Estados Unidos: 97.120	Alemanha: 10.007	Estados Unidos: 1.559
2º país de destino	Portugal: 5.172	Japão: 96.592	Reino Unido: 29.713	Estados Unidos: 4.654	Reino Unido: 1.339
3º país de destino	França: 4.039	Austrália: 87.497	Austrália: 11.684	França: 4.300	Austrália: 787
Estudantes abrigados	14.432	88.979	31.475	173.627	70.428
1º país de origem	Angola: 1.552	...	Nepal: 5.481	Belarus: 31.199	Zimbábue 23.273
2º país de origem	Guinea-Bissau: 825	...	Butão: 2.274	Cazaquistão: 29.865	Namíbia: 6.821
3º país de origem	Argentina: 772	...	Rep. Islâmica do Irã: 2.131	Ucrânia: 12.805	Lesoto: 4.047

Fonte: UNESCO (2014, p. 22).

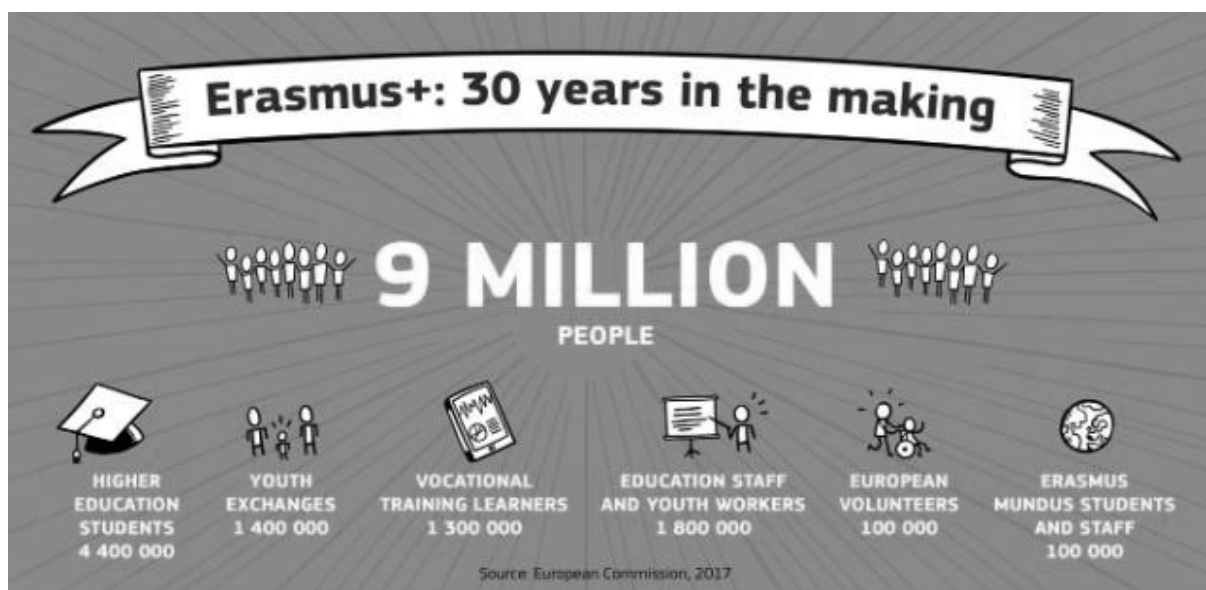
Ainda de acordo com os dados fornecidos pela UNESCO, infere-se que para o período entre 2011 e 2012, angolanos, guineenses e argentinos, respectivamente, foram às nacionalidades que mais buscaram o território brasileiro para estudar. Nessa época, 1.552 estudantes angolanos, 825 guineenses e 772 argentinos vieram para o Brasil.

2.1.4 Programas de Incentivo a Mobilidade Acadêmica Internacional

No continente europeu o programa *Erasmus (European Action Scheme for the Mobility of University Students)* é o principal projeto de fomento à mobilidade acadêmica internacional. Desenvolvido no ano de 1987, tem por intuito viabilizar a mobilidade de estudantes e professores e promover a cooperação acadêmica dentre os países europeus (ANTONIAZZI, 2014; NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS, 2008).

Em seu primeiro ano de atuação (1987) 3.200 alunos provenientes de 11 países europeus (Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Irlanda, Itália, Países Baixos, Portugal e Reino Unido) foram beneficiados pelo programa, desde então nota-se que os números da *ERASMUS* vêm evoluindo continuamente. De 1987 a 2017 estima-se que o programa proporcionou na vida de 9 milhões de pessoas a oportunidade de estudar, se aperfeiçoar, adquirir experiência profissional e realizar trabalhos voluntários em países estrangeiros, conforme é possível observar na Figura 1 (ERASMUS, 2017).

Figura 1 – Resultados do programa *ERASMUS* (1987-2017)



Fonte: *ERASMUS* (2017, p. 1).

No Brasil, tem-se como um dos principais mecanismos de promoção da internacionalização do ensino superior, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Fundado em 1964, o PEC-G é um programa desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) em conjunto com o Itamaraty (ou Ministério das Relações Exteriores), que tem por objetivo ofertar vagas em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras para estudantes de países em desenvolvimento, com os quais o Brasil possui acordos educacionais, culturais ou científico-tecnológicos (especialmente países da África, Caribe e América Latina) (DCE, 2018; UFES, 2018).

Os alunos escolhidos para participar do programa, cursam gratuitamente a graduação em uma Instituição de Ensino Superior brasileira, no entanto, para isto, se faz necessário que atendam a alguns requisitos básicos; entre eles, possuir o certificado de conclusão de Ensino Médio (ou curso equivalente), ter proficiência em língua portuguesa e provar ser capaz de custear as suas despesas enquanto estiver no Brasil (DCE, 2018).

Normalmente, são selecionados para participar do PEC-G, alunos que fazem parte de programas de desenvolvimento socioeconômico acordados entre os seus países de origem e o Brasil. Esses acordos estabelecem o compromisso, pelo aluno, de retornar ao seu país de origem, quando do fim da graduação, e contribuir com a área na qual se graduou. Vale ressaltar que o PEC-G acarreta em diversos benefícios; dentre eles, contribui para a formação profissional de alunos provenientes de países em desenvolvimento e colabora com a diversificação e a internacionalização do cenário acadêmico brasileiro (DCE, 2018).

O continente africano responde pela grande maioria dos estudantes selecionados, destacando-se, Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau. A maior parte dos estudantes da América Latina é proveniente do Paraguai, Peru e Equador. No continente asiático, o Timor Leste é responsável por enviar o maior número de alunos (DCE, 2018).

2.1.5 Benefícios da Mobilidade Acadêmica Internacional

A internacionalização expande consideravelmente as possibilidades de um futuro promissor, tanto no contexto acadêmico quando no mercado profissional. Por meio do intercâmbio o que se busca, em síntese, é aprimorar-se em determinada língua, conquistar autonomia e ter uma formação acadêmica e profissional superior, em nível de qualidade, aos demais indivíduos que se encontram no mercado de trabalho (CARVALHO *et al.*, 2016).

Os intercâmbios promovem a possibilidade de que os alunos envolvidos conheçam novos sistemas políticos, organizações sociais e novas culturas, além de poder aprimorar e/ou desenvolver conhecimentos lingüísticos em um idioma estrangeiro. Experiências internacionais dessa natureza são de extrema importância, visto que, contribuem para o crescimento pessoal e profissional do estudante. Ademais, a experiência do intercâmbio enseja em uma espécie de reconhecimento (ou enaltecimento) do estudante, uma vez que, após o processo de intercâmbio acredita-se que os mesmos desenvolvem uma visão mais crítica da sociedade (CARVALHO *et al.*, 2016; DALMOLIN *et al.*, 2013).

Conforme destacam Nascimento *et al.*, (2014) a experiência de viver em outro país, que possui valores, costumes e crenças, por vezes muito distintos dos achados no país de origem do estudante, exerce nele uma transformação na forma de percepção do mundo e compreensão das pessoas, uma vez que o aluno, passa a desenvolver uma habilidade maior de lidar com diferentes tipos de personalidades.

Pode-se ressaltar também como um dos benefícios da mobilidade acadêmica, o chamado multiculturalismo. Desenvolvido a partir das constantes interações entre indivíduos

oriundos das mais diversas origens culturais e étnicas, o multiculturalismo enseja na troca de conhecimentos e experiências por parte desses alunos. Por sua vez, essa troca de conhecimento acaba por refletir nas Instituições de Ensino Superior (IES) que passam, progressivamente, a adotar currículos educacionais mais reflexivos e críticos a fim de saciar a busca por conhecimento desses alunos multiculturais, que procuram conhecer diferentes concepções do mundo (LIMA; MARANHÃO, 2011).

De acordo com Stallivieri (2017), os benefícios da internacionalização do ensino superior podem se dar em quatro níveis distintos: nacionais, institucionais, educacionais e individuais:

- a) **Nível Nacional:** no que se refere a nível nacional, pode-se destacar que as nações que investem em políticas bem definidas de internacionalização do setor educacional, terão retornos consideráveis no quesito, qualidade de formação de seus cidadãos. Visto que, ao enviar seus alunos ao exterior, o país receberá em retribuição uma mão de obra altamente qualificada, de acordo com padrões internacionais. Conforme Nascimento *et al.*, (2014), a internacionalização promove o processo de aquisição de conhecimentos, fazendo com que o aluno tenha acesso, no país estrangeiro, a novas técnicas e tecnologias que o seu país de origem pode ainda não fazer uso. Desse modo, ao retornar, o estudante traz consigo um novo conhecimento, passível de ser aplicado na sua comunidade.
- b) **Nível Institucional:** ressalta-se como um dos benefícios mais relevantes a nível institucional, a possibilidade de oferecer aos discentes da instituição um currículo internacional. Ademais, tem-se ainda um acréscimo no desempenho lingüístico e na qualidade acadêmica dos alunos, o que se caracterizam como diferenciadores em relação aos alunos das demais instituições. A internacionalização “permite que a instituição se torne mais competitiva, mais eficaz e mais independente para transitar entre as instituições de maior renome internacional” (p.144).
- c) **Nível Educacional:** A proficiência em um idioma estrangeiro configura-se como um dos principais benefícios conquistados através do intercâmbio. Os progressos obtidos, por ambos os países envolvidos no processo de mobilidade acadêmica, se manifestarão por meio das melhorias do sistema de educação de cada país. O intercâmbio, portanto, age como uma ferramenta impulsionadora, levando as instituições a refletirem sobre suas práticas pedagógicas, tendo por intuito, melhorar a sua *performance* no segmento da educação.

d) Nível Individual: o aluno que tem a oportunidade de cursar, mesmo que por apenas um semestre, disciplinas de graduação em um país estrangeiro, regressa ao seu país de naturalidade trazendo na bagagem diversos resultados positivos; entre eles, um currículo internacionalmente competitivo, *network* com professores internacionalmente renomados, entendimento sobre a cultura de um país estrangeiro, desenvolvimento de competências em sua área de atuação profissional, habilidade de atuar em ambientes pluriculturais, nível de maturidade maior frente às dificuldades, capacidade de atuar na resolução de problemas, maior grau de tolerância e flexibilidade frente ao que é diferente e desconhecido, etc.

2.1.6 Dificuldades Inerentes ao processo de Mobilidade Acadêmica Internacional

Ao adentrarem no país estrangeiro, normalmente, os intercambistas passam por alguns percalços decorrentes de questões práticas, tais como, acomodação, documentações, vistos, abertura de conta bancária, dentre outras. O idioma também é visto como uma adversidade dentro e fora da Universidade, podendo comprometer no rendimento acadêmico do intercambistas e dificultar nas pequenas atividades cotidianas. Pode-se ressaltar ainda os desafios sociais, caracterizados pela dificuldade do intercambista se relacionar com os estudantes nativos dentro do contexto universitário, e fora do ambiente acadêmico, fazer amizades e construir relacionamentos (OLIVEIRA; FREITAS, 2017).

Segundo Stallivieri (2017) as dificuldades enfrentadas por alunos estrangeiros enquanto estudantes no Brasil são de diversas ordens. No entanto, algumas se destacam em relação às demais, sendo, portanto, consideradas como as mais importantes. São elas:

- a) Dificuldades Lingüísticas:** Mesmo sendo uma língua que se aproxima do espanhol, o português por vezes é totalmente desconhecido aos olhos dos estrangeiros. Não é comum que haja em outros países escolas de língua portuguesa. Desse modo, ao se depararem com a barreira lingüística, muitos estudantes acabam optando por outro país, visto que o não domínio da língua do país hospedeiro enseja em um dos principais impedimentos a realização do intercâmbio.
- b) Dificuldades Acadêmicas:** É comum dentre as Instituições brasileiras de Ensino Superior, certo despreparo para o recebimento de alunos estrangeiros. Principalmente no que se refere ao aproveitamento de créditos, dentre outros empecilhos impostos pela instituição, desencorajando assim, a vinda desses alunos para o Brasil.

- c) **Dificuldades logísticas:** A burocracia brasileira se mostra desfavorável para os alunos estrangeiros, são requisitados aos alunos diversos trâmites, tais como, documentações, regularizações, vistos, etc. todos esses fatores, combinados, acabam por inviabilizar a presença desses alunos em território brasileiro. Pode-se ressaltar, ainda, como uma dificuldade logística bem presente na realidade dos intercambistas, a questão da moradia. Algumas Instituições de ensino não oferecem residência universitária, combinado ao fato de não ter o domínio na língua portuguesa, procurar um local para morar é uma atividade deveras complexa.
- d) **Dificuldades administrativas:** A figura do intercambista demanda da Instituição de Ensino Superior um cuidado todo especial, uma vez que se faz necessário que as instituições se preparem previamente para receber adequadamente esses estudantes oriundos de outras nacionalidades. É imprescindível, para tanto, alguns cuidados especiais, tais como, a presença de profissionais munidos de todo conhecimento para dar assistência e suporte aos cidadãos estrangeiros.

A falta de cuidados com a adequada preparação e adaptação dos intercambistas ao território hospedeiro pode comprometer negativamente todo o processo de intercâmbio, ocasionando, ao final da experiência, em um ônus financeiro, que será absorvido por ambas as instituições e países envolvidos. Normalmente, os estudantes que participam de intercâmbios não recebem treinamento adequado para preparar-se a vivência em um país estrangeiro. Esses treinamentos deveriam capacitá-los cultural e linguisticamente para entender as diferenças culturais que vão enfrentar em outro país estrangeiro de forma a ter êxito ao final do intercâmbio (STALLIVIERI, 2017).

Para Dalmolin *et al.*, (2011) faz-se necessário estar preparado para experiências internacionais desta magnitude, uma vez que, a iniciativa demanda do intercambista um grande trabalho psicológico e emocional de exercer a paciência, abnegação e tolerância, além da capacidade necessária para enfrentar os possíveis imprevistos que surgirão ao longo do intercâmbio, as variáveis culturais e a distância dos amigos e familiares.

Desse modo, a fim de deter o conhecimento necessário para subsidiar uma melhor adaptação dos intercambistas em solo estrangeiro e tendo por intuito amenizar, tanto quando possível as dificuldades decorrentes das diferenças culturais, a próxima seção do referencial teórico terá por intuito discutir os conceitos de choque e adaptação cultural, focando no entendimento das teorias de adaptações postuladas pela gestão transcultural.

2.2 Adaptação Cultural

Essa seção tem por intuito explicar os principais conceitos relacionados à adaptação cultural, objetivando fornecer subsídios para que se compreenda como ocorre o processo de adaptação de um estudante estrangeiro enquanto intercambista de uma Instituição de Ensino Superior. Vale ressaltar que, conforme destaca Stallivieri (2017), caso não haja uma efetiva adaptação cultural por parte dos intercambistas é provável que o programa de mobilidade acadêmica fique total ou parcialmente comprometido, daí a necessidade de se abordar na presente pesquisa a temática em questão, que se mostra deveras importante para o êxito dos programas de mobilidade acadêmica internacional.

2.2.1 Definição de cultura, adaptação cultural e choque cultural e as suas influências no processo de mobilidade acadêmica internacional.

Pode-se definir “cultura” como o conjunto de costumes e crenças adquiridos pelo indivíduo em função de suas experiências de vida como membro de determinada sociedade. É possível defini-la ainda como o conjunto de valores que regem o comportamento de uma nação ou grupo étnico, estando constantemente em processo de transformação (STALLIVIERI; PILOTTO; GONÇALVES, 2015).

De modo semelhante, os autores Eagleton (2001) e Tylor (1871) acreditam que a cultura pode ser entendida como o conjunto de crenças, práticas, costumes e valores que integram a forma de vida de determinados grupos sociais. Quando se leva em consideração o sentido etnográfico da palavra, cultura é um complexo que engloba os hábitos e competências adquiridas pelo homem enquanto membro de uma sociedade, tais como, crenças, costumes, arte, moral, etc.

Hall (1976) destaca que não há um aspecto da vida humana que não seja influenciado pela cultura. A cultura exerce poder sobre a personalidade do indivíduo, a forma como ele se expressa e demonstra suas emoções, como ele pensa, se move, como resolve seus problemas, a cultura atua até mesmo no planejamento e organização de um país, agindo nos seus sistemas econômicos e governamentais.

Por sua vez, Peterson (2004) utilizou-se de uma analogia para representar a sua definição de cultura. Para ele a cultura é tal qual um *iceberg*, existe uma parte visível (aquela acima da água) e uma parte que não pode ser enxergada (parte abaixo da água). Na extremidade de cima do *iceberg* estariam todas as características culturais que podem ser percebidas pelos cinco sentidos de uma pessoa, tais como, a culinária, estilos musicais, língua,

arquitetura, moda local, comportamento gestual, arte e literatura, etc. Na parte de baixo do *iceberg* estaria os valores culturais, aquilo que não é visível a olho nu, como por exemplo, crenças, normas de conduta, comportamento da população (machistas, liberais, paternalista...), motivações, sistemas de liderança, religião, tradições, comunicação não verbal, estrutura social, preferências, etc (STALLIVIERI; PILOTTO; GONÇALVES, 2015).

Deve-se ressaltar, no entanto, que essa analogia da cultura como um *iceberg*, foi feita pela primeira vez por Edward T. Hall, no ano de 1976. Ele acreditava que assim como os *icebergs*, a cultura possuía uma parte visível, ao passo que outra parte muito maior não poderia ser enxergada. Voltando a analogia, em termos de visibilidade, só se pode enxergar a parte superior do *iceberg* (que corresponde normalmente a 10% do seu tamanho), enquanto 90% da sua massa se encontra abaixo do nível da água. Do mesmo modo, para Hall essas porcentagens se aplicariam a cultura (10% visível e 90% não visível) (MUSCATO, 2018).

Por meio da Figura 2 é possível observar a representação do modelo da cultura como um *iceberg*.

Figura 2 – O *Iceberg* da cultura



Fonte: HAJAJ (2016, p. 2)

Já o choque cultural pode ser descrito como o impacto, psicológico e/ou físico, sentido por um indivíduo quando do seu deslocamento de uma cultura familiar, seu *habitat* original, para outra cultura totalmente desconhecida, com novos hábitos, crenças, tradições e costumes. Em síntese, seria a sensação de incômodo, percebida pelos indivíduos, ao se defrontar com “o novo” (STALLIVIERI, 2017).

Segundo Pederson (1995) o choque cultural é uma experiência extremamente pessoal, não afeta a todas as pessoas da mesma forma e em alguns casos, quando o choque cultural se repete, não afeta a mesma pessoa da mesma maneira.

O termo choque cultural foi utilizado pela primeira vez por Kalvero Oberg em 1960. De acordo com esse autor o choque cultural é desencadeado pelo sentimento de ansiedade que resulta do fato do indivíduo perder todas as referências, sinais e símbolos que lhe são familiares e que o auxiliam nas interações sociais com outros indivíduos. Em outras palavras, esses sinais e símbolos seriam responsáveis por orientar uma pessoa em situações cotidianas, como por exemplo, saber como se comportar ao conhecer uma pessoa, quais declarações devem ser levadas a sério ou não, como fazer compras, saber quando recusar ou aceitar um convite, saber o que falar em determinadas ocasiões, etc.

Ou seja, são as normas e costumes que as pessoas vão aprendendo à medida que se cresce, fazem parte da cultura assim como o idioma falado. Cada indivíduo utiliza-se dessas referências familiares, mesmo que de forma involuntária e quando há o deslocamento para outra cultura todas ou grande parte dessas referências são perdidas, fazendo com que a pessoa se sinta “um peixe fora da água”, e conseqüentemente experimente sensações que vão desde um vago desconforto até uma profunda desorientação (OBERG, 1960).

Para Stallivieri (2017), atualmente, o choque cultural é um dos grandes “vilões” do processo de adaptação cultural dos estudantes em situação de mobilidade acadêmica internacional, acarretando, muitas vezes, em baixo rendimento acadêmico durante o período em que o estudante se encontra no exterior e também, quando do retorno deste para o seu país de origem (conhecido como choque cultural reverso). Durante esse período de intercâmbio, o choque cultural pode se manifestar em decorrência do fato do aluno se afastar do convívio dos seus familiares e imediatamente ter que conhecer um grande número de pessoas, muitas vezes provenientes de países diferentes, com culturas diferentes e falando línguas diferentes, todos esses fatores combinados e ocorrendo simultaneamente desencadeiam certa confusão mental no aluno.

Oberg (1960) mencionou seis aspectos negativos do choque cultural, incluindo: (i) tensão resultante do esforço na adaptação psicológica; (ii) um sentimento de perda ou de privação referindo-se à perda de família, amigos antigos, status, cargo, e/ou propriedades; (iii) rejeição da, ou pela, nova cultura; (iv) confusão na definição do lugar, expectativas, sentimentos e identidade própria; (v) ansiedade inesperada, nojo, ou indignação sobre as diferenças culturais entre os antigos e os novos caminhos; e (vi) sentimentos de impotência como resultado de não lidar bem no novo ambiente (PEDERSON, 1995 p.2).

Por sua vez, a adaptação cultural é tida como o processo pelo qual um indivíduo adquire as competências necessárias para ajustar-se a uma cultura diferente da sua e atuar de forma eficiente no trato de suas funções no país em que passou a residir (HASLBERGER, 2005). Para Zubieta, Sosa e Beramendi (2011) a adaptação sociocultural de uma pessoa depende de uma série de fatores, tais como, do conhecimento prévio que o indivíduo já tenha sobre a cultura para a qual está se deslocando, do distanciamento ou identificação que a pessoa terá com a nova cultura, da habilidade de utilizar a língua do país hospedeiro, do tempo de permanência no país estrangeiro e do quanto o indivíduo se relaciona com os nativos desse país.

Existe na literatura um modelo conhecido por *Developmental Model of Intercultural Sensitivity* (DMIS), desenvolvido em 1960 por Bennett. Esse modelo nos apresenta as seis etapas da evolução do comportamento humano quando em contato com diferenças culturais. Nos primeiros estágios do modelo tem-se a presença de uma postura mais “etnocêntrica” (quando o indivíduo acredita que a sua cultura se encontra no “centro do mundo”), em contrapartida, nos estágios finais o “etnorrelativismo” (que seria sentir-se bem com a cultura do outro, e seus diferentes costumes) se mostra mais forte (STALLIVIERI, 2017).

- a) **Estágio 1 – Negação:** o primeiro estágio, chamado de negação, é aquele em que o indivíduo afirma não perceber a existência de diferenças culturais entre ele e outros povos. Normalmente, as pessoas no estágio de negação isolam-se do convívio com indivíduos de outras culturas e fazem uso de estereótipos e adjetivos depreciativos para se referir a eles.
- b) **Estágio 2 – Defesa:** nesse estágio do modelo, o indivíduo já admite a existência de diferenças culturais, no entanto, ele avalia a sua própria cultura de forma exageradamente positiva, enquanto a cultura dos outros povos é sempre quista de forma negativa, inferior.
- c) **Estágio 3 – Minimização:** no terceiro estágio o indivíduo consegue enxergar e aceitar a presença de pequenas diferenças culturais, tais como, os hábitos alimentares de outros povos. Nesse estágio há a minimização das diferenças culturais e a ênfase nas semelhanças existentes entre as duas culturas.
- d) **Estágio 4 – Aceitação:** na fase da aceitação, o indivíduo tem total conhecimento da presença de diferenças culturais entre a cultura de outros povos e a sua própria cultura, chegando até mesmo a apreciar essas diferenças e vendo-as como alternativas a resolução de problemas da sociedade.

- e) **Estágio 5 – Adaptação:** no estágio de adaptação há um grande interesse por parte do indivíduo de entender como funciona o modo de vida do estrangeiro e, do mesmo modo, se fazer entender por ele. Há então uma ênfase no desenvolvimento de habilidades que permitirão comunicar-se e relacionar-se com as pessoas de outras culturas.
- f) **Estágio 6 – Integração:** na fase da integração há a internacionalização de características próprias da cultura de outros povos. O indivíduo fica alternando entre o comportamento de uma cultura e o de outra com muita naturalidade.

2.2.2 Teorias da adaptação cultural

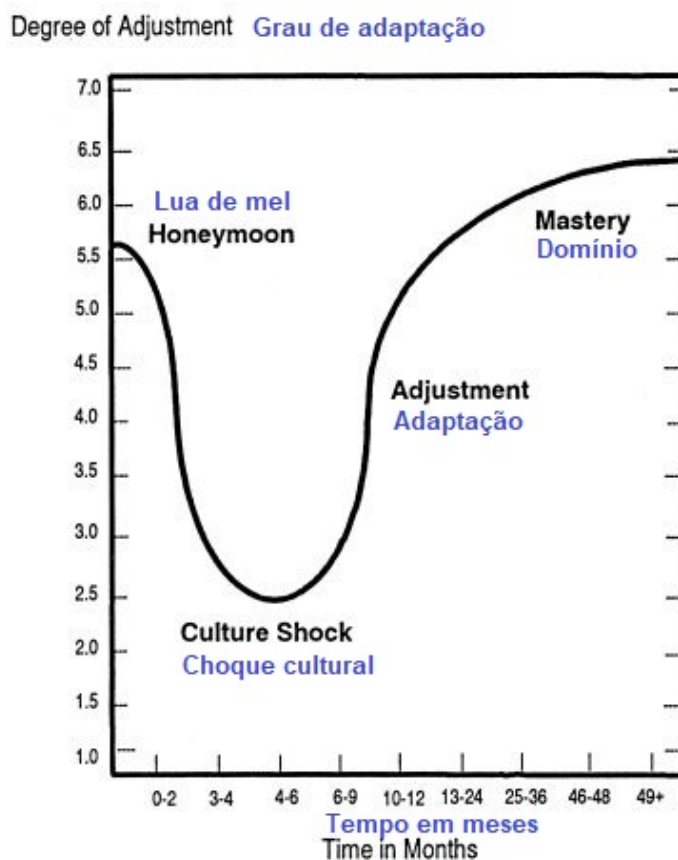
As teorias da adaptação cultural foram desenvolvidas tendo por objetivo compreender como se dá o processo de adaptação cultural de um indivíduo quando da sua locomoção para um ambiente social divergente do qual foi originalmente socializado. Em outras palavras, cada teoria busca descrever, a sua maneira, como ocorre o processo de adaptação cultural de um indivíduo quando da sua mudança para um país estrangeiro. A seguir, são apresentadas as principais teorias presentes na literatura acadêmica acerca do fenômeno da adaptação cultural.

2.2.2.1 Modelo de Oberg – Curva U (1854)

O modelo da Curva U foi desenvolvido por Kalvero Oberg, e faz uso do formato da letra “U” para representar graficamente a instabilidade emocional (subidas e descidas) a que está sujeita os indivíduos que passam por uma experiência intercultural. Este modelo propõe que no início da experiência internacional, o indivíduo possui altas expectativas, no entanto, com o passar do tempo, essas expectativas caem até atingir um estado emocional mais negativo, ocasionalmente, ao final da experiência esse indivíduo reassume uma postura mais otimista e agradável na cultura do país hospedeiro (AFS *INTERCULTURAL PROGRAMS*, 2015).

A Figura 3 ilustra o modelo de adaptação cultural em forma de U proposto por Kalvero Oberg. É possível observar por meio da seguinte ilustração que o modelo é composto por quatro fases distintas: *lua de mel*, *choque cultural*, *adaptação* e *domínio*. Quando da chegada do indivíduo em um país estrangeiro, a primeira fase a se manifestar é a *lua de mel* e à medida que o tempo passa o indivíduo vai experimentando cada uma das etapas do modelo até alcançar à última, chamada *domínio*, quando ele passa a se sentir de fato seguro e confortável no país estrangeiro.

Figura 3 – Curva U – Modelo de adaptação de Oberg (1854)



Fonte: BLACK; MENDENHALL (1990, p. 227).

A primeira fase, conhecida como *lua de mel*, representa a chegada do indivíduo ao país estrangeiro. Nessa etapa, as diferenças existentes entre a cultura do país estrangeiro e a do país de origem do estudante são vistas sobre uma perspectiva romântica. A experiência da chegada em um novo país se mostra muito estimulante, o aluno fica encantado com as novas experiências que o país estrangeiro pode lhe proporcionar, ele sente o desejo de visitar novos lugares, experimentar o que há de novo, etc. Em síntese, a *lua de mel* simboliza a fascinação inicial que o aluno desenvolve pelo novo país (BECKER; STERNBERG, 2016; NUNES; VASCONCELOS; JAUSSAUD, 2008; STALLIVIERI, 2017).

O *choque cultural*, ou fase da angústia, é marcado pelo sentimento de frustração e desilusão. Decorrido algum tempo após a chegada do estudante ao país estrangeiro, as diferenças culturais começam a manifestar-se, impactando negativamente na vida do indivíduo, ocasionando, por vezes, um sentimento de desconforto, desorientação e desentendimento. O fato de não poder compreender claramente o que as pessoas daquele país querem falar e não poder se fazer entender por elas, ou não conseguir realizar pequenas atividades cotidianas, como fazer compras, desencadeiam em alguns indivíduos sintomas

psicossomáticos, tais como, ansiedade, estresse, impaciência, descontentamento, impotência, Etc (BECKER; STERNBERG, 2016; NUNES; VASCONCELOS; JAUSSAUD, 2008; STALLIVIERI, 2017).

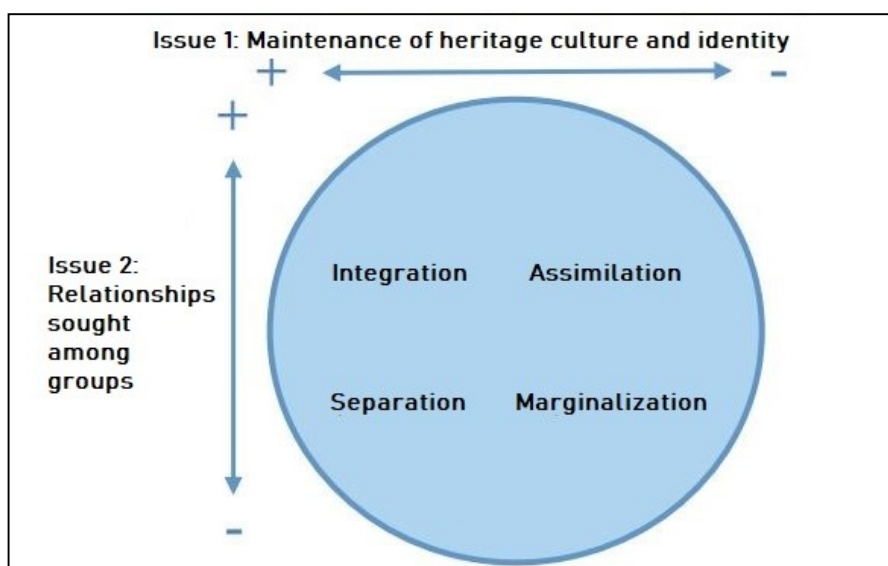
A fase da *adaptação* marca o período em que o indivíduo começa a desenvolver alguma compreensão acerca da cultura do novo país, se adaptando gradativamente aos seus costumes e hábitos. Nessa fase, o indivíduo, resgata um pouco do equilíbrio emocional que perdeu na fase da angústia (ou choque cultural), passando a se sentir mais seguro para a realização de atividades cotidianas (BECKER; STERNBERG, 2016; NUNES; VASCONCELOS; JAUSSAUD, 2008; STALLIVIERI, 2017).

Na última fase da teoria de Oberg, chamada *integração* (ou domínio), o indivíduo após entender melhor a cultura do país estrangeiro, sente-se mais seguro e confortável, há então um fortalecimento da sua capacidade de atuar de modo eficaz no trato de suas funções, mesmo estando inserido na cultura do país estrangeiro (BECKER; STERNBERG, 2016; NUNES; VASCONCELOS; JAUSSAUD, 2008; STALLIVIERI, 2017).

2.2.2.2 Modelo da Aculturação – J. Berry (1997)

De acordo com John Berry, o fenômeno da aculturação (processo de transformação psicológica/cultural que um indivíduo experimenta em decorrência do contato com povos de diferentes culturas) pode ocorrer de quatro formas distintas. Por integração, por separação, por assimilação ou por marginalização, conforme ilustra a Figura 4 (GONZALEZ *et al.*, 2011).

Figura 4 – Modelo de Aculturação de J. Berry (1997)



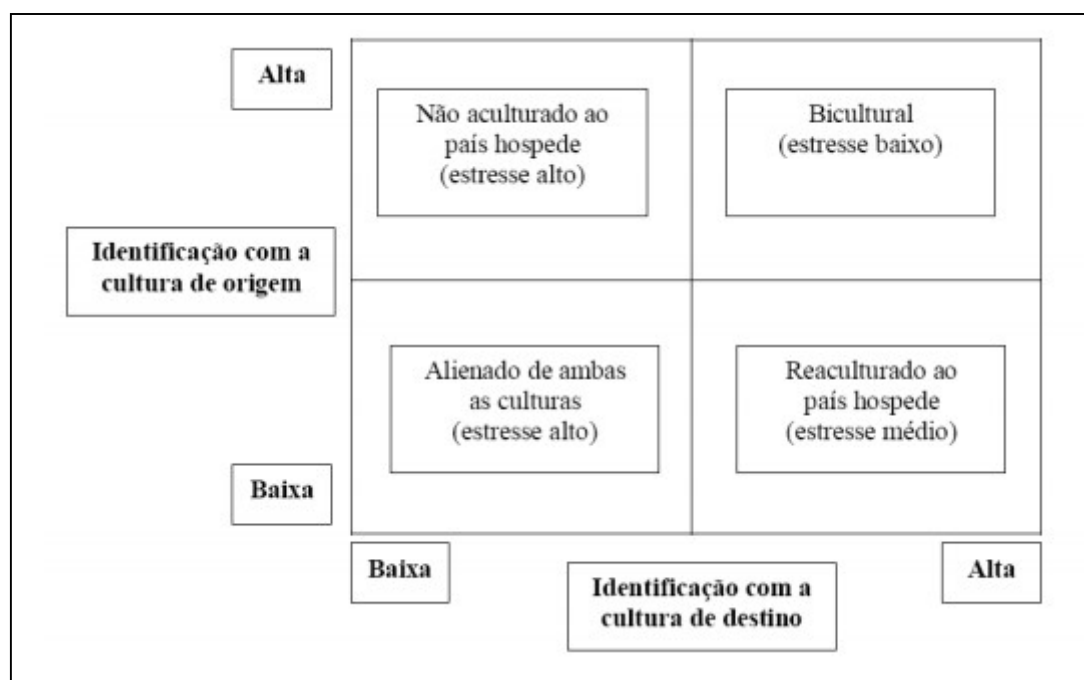
Fonte: AFS *INTERCULTURAL PROGRAMS* (2015, p. 5).

Ocorrerá a *integração* quando o desejo do indivíduo de adotar a cultura do país hospedeiro se mostrar tão intenso quanto o desejo do indivíduo de preservar a cultura do seu país de origem. Por sua vez, na *separação*, o indivíduo rejeita a cultura do país hospedeiro, ao mesmo tempo em que desenvolve uma forte necessidade de preservar a sua própria cultura. Em contrapartida, na *assimilação* o indivíduo não tem interesse de conservar a sua cultura de origem, pelo contrário, deseja adotar a cultura do país hospedeiro. Por fim, na *marginalização* o indivíduo não tem interesse em nenhuma das culturas, não pretende adotar a cultura do país hospedeiro e nem preservar a cultura do seu país de origem (GONZALEZ *et al.*, 2011).

2.2.2.3 Modelo de identificação cultural e estresse – Sánchez, Spector e Cooper (2000)

Similar ao modelo de aculturação proposto por John Berry, o modelo de identificação cultural desenvolvido por Sánchez, Spector e Cooper engloba o conceito de *estresse* ao processo de identificação cultural do indivíduo. Nesse modelo acredita-se que há uma relação intrínseca entre os níveis de estresse experimentados pelo indivíduo e o seu padrão de identificação cultural com as culturas do país hóspede e de origem (AFS INTERCULTURAL PROGRAMS, 2015; GONZALEZ *et al.*, 2011). Por meio da figura 5 é possível observar a ilustração do modelo desenvolvido por Sánchez, Spector e Cooper.

Figura 5 – Modelo de Identificação cultural e estresse – Sánchez, Spector e Cooper (2000)



Fonte: SÁNCHEZ, SPECTOR e COOPER (2000) *apud* GONZALEZ *et al.*, (2011, p. 8)

Nesse modelo propõe-se quatro padrões de identificação cultural: **bicultural**, quando o indivíduo se identifica com a cultura de ambos os países (hospedeiro e de origem);

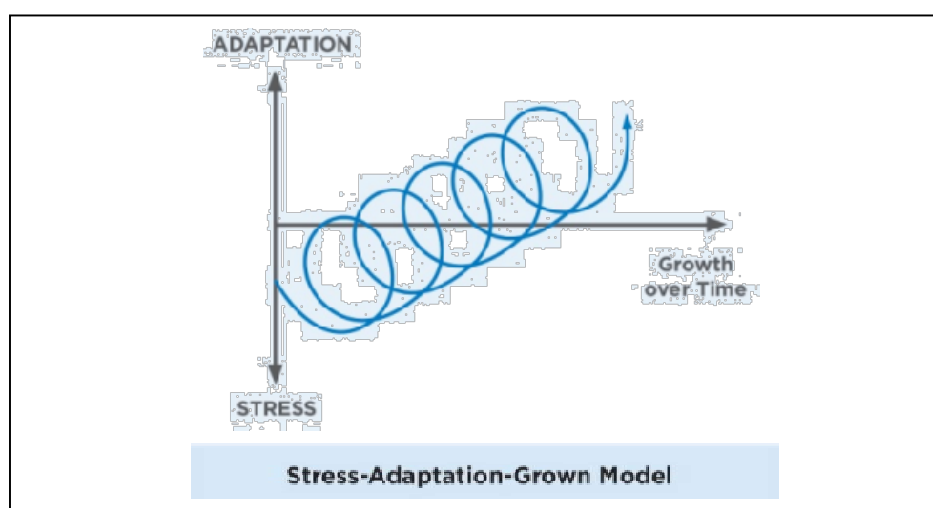
não aculturado ao país hóspede, nos casos em que o indivíduo não consegue se adaptar a cultura do país hospedeiro; **alienado de ambas as culturas**, quando o indivíduo não se sente atraído pela cultura de nenhum dos dois países; e, **reaculturado ao país hóspede**, quando o indivíduo se identifica mais com a cultura do país hospedeiro do que com a cultura do seu próprio país. O modelo defende que apenas o padrão de *aculturação* pode assegurar baixos índices de estresse ao indivíduo, em contrapartida, em todos os outros padrões o indivíduo experimentará níveis de estresse que irão variar do médio ao alto (AFS INTERCULTURAL PROGRAMS, 2015; GONZALEZ *et al.*, 2011).

2.2.2.4 Modelo de adaptação e crescimento pelo Estresse - Young Yun Kim (1995)

O modelo de adaptação e crescimento pelo estresse, proposto por Young Yun Kim no ano de 1995, sugere que a adaptação cultural e o crescimento pessoal do indivíduo estão intimamente relacionados, ambos ocorrem de modo gradativo, em um processo do tipo espiral. Nesse modelo, acredita-se que à medida que o indivíduo vai passando por situações estressantes e superando-as, ele avança mais um nível no processo de adaptação cultural e crescimento pessoal no país estrangeiro (AFS INTERCULTURAL PROGRAMS, 2015).

Pode-se observar a seguir na Figura 6 a representação do modelo de adaptação em espiral idealizado por Young Yun Kim.

Figura 6 – Modelo de adaptação e crescimento pelo estresse – Kim (1995)



Fonte: AFS *INTERCULTURAL PROGRAMS* (2015, p. 3).

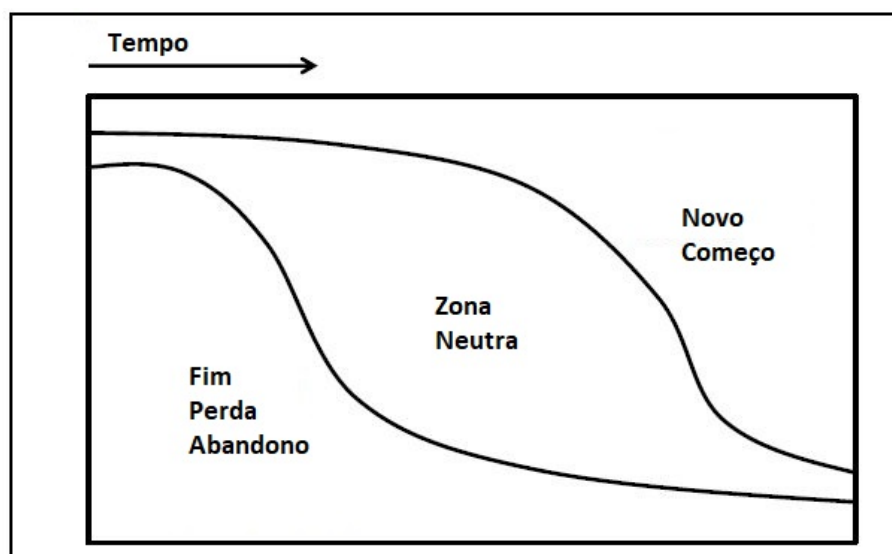
Nesse sentido, as situações de estresse ou desafio pelas quais o indivíduo passa no exterior são de extrema importância, visto que contribuem para o processo de aprendizagem e adaptação, e conseqüentemente, para o amadurecimento desse indivíduo. Do mesmo modo, é

interessante observar que o modelo nos apresenta um processo contínuo, não há a possibilidade de regredir para o início do espiral, apenas continuar avançando, uma vez que, cada situação leva a um novo aprendizado para o indivíduo. Com o passar do tempo, pressupõe-se que a adaptação se tornará mais fácil. À proporção que se sobe o espiral, mais estresse é imposto ao indivíduo e mais adaptação é conquistada por ele (AFS INTERCULTURAL PROGRAMS, 2015).

2.2.2.5 Modelo de transição – W. Bridges (1980)

Pode-se dizer que o modelo de Transição, desenvolvido por William Bridges no ano de 1980, retrata, de modo geral, todo e qualquer tipo de transição pelo qual uma pessoa possa estar passando, como por exemplo, transição de cargo, de empresa, de profissão ou cultural – que é o foco da nossa pesquisa, dentre outras. Segundo esse modelo o processo de transição ocorre em três fases distintas, a primeira chamada de *tristeza*, a segunda conhecida como *zona neutra*, e a terceira fase *novo começo*, conforme demonstrado abaixo (Figura 7) (AFS INTERCULTURAL PROGRAMS, 2015).

Figura 7 – Fases da transição de Bridges (1980)



Fonte: adaptado por Cálceña (2012, p. 40)

- **Primeira Fase (Tristeza):** o processo de transição normalmente envolve o abandono, ter que deixar algo para trás para poder dar prosseguimento ao novo. Desse modo a primeira fase é caracterizada pelo abandono, no caso do intercambista, o abandono da família, dos amigos, das velhas formas de fazer as coisas, dos lugares que lhes são familiares, da sua língua nativa, etc. Consequentemente, todo esse abandono leva o indivíduo a desenvolver um sentimento de tristeza (AFS INTERCULTURAL

PROGRAMS, 2015; CÁLCENA, 2012; MEIJERINK, 2011).

- **Segunda Fase (Zona neutra):** a segunda fase pode ser chamada também de fase intermediária, o indivíduo se encontra entre o velho e o novo, ele abandonou a sua identidade antiga, se desconectou emocionalmente do passado, os procedimentos e referências do seu país de origem ficaram para trás, no entanto, a sua identidade nova (aquela que será adotada no país hospedeiro) ainda não está completamente formada, a pessoa ainda não se sente conectada/ dominada pelo “novo” a sua volta. O indivíduo que se encontra nessa fase não se sente feliz nem triste, mas normalmente experimenta uma sensação de ansiedade, curiosidade e pessimismo (*AFS INTERCULTURAL PROGRAMS*, 2015; CÁLCENA, 2012; MEIJERINK, 2011).
- **Terceira fase (Novo começo):** por fim, o novo começo ocorre quando o processo de transição está quase concluído, nesse estágio o indivíduo se sente emocionalmente apto a aceitar e tentar entender/acolher as mudanças. No contexto da adaptação cultural, um novo começo, pode simbolizar “abraçar a nova cultura”, desenvolver novos valores, pensamentos, convicções, Etc (*AFS INTERCULTURAL PROGRAMS*, 2015; CÁLCENA, 2012; MEIJERINK, 2011).

Em suma, os cinco modelos de adaptação cultural explanados até o momento oferecem subsídios suficientes para analisar o processo de adaptação cultural dos discentes estrangeiros que se encontram em mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Ceará. Desse modo, com o modelo de transição proposto por W. Bridges encerra-se mais uma seção deste estudo.

Uma vez que os pontos mais relevantes acerca da temática mobilidade acadêmica e adaptação cultural foram discutidos, a pesquisa em questão mostra-se apta para prosseguir à seção seguinte, que trata dos procedimentos metodológicos da pesquisa e que tem por intuito explicar sobre os métodos utilizados para a realização deste estudo.

3 METODOLOGIA

De acordo com Oliveira (2011, p.41) a metodologia compreende todos os estágios da elaboração do trabalho científico, “que vai da escolha do procedimento para obtenção de dados, passando a identificação de método(s), técnica(s), materiais, instrumentos de pesquisa e definição de amostra/universo, à categorização e análise dos dados coletados”. Ou seja, todo o processo de desenvolvimento de uma pesquisa científica (desde a escolha do tema até as considerações finais do estudo) é determinado pela metodologia.

Nesse sentido, a metodologia seria o conjunto de técnicas e métodos utilizados na operacionalização da pesquisa científica, o caminho que se deve percorrer para alcançar os objetivos previamente determinados e encontrar possíveis respostas que atendam aos questionamentos feitos inicialmente, quando da definição da problemática e do objeto de estudo (OLIVEIRA, 2011).

3.1 Classificação da pesquisa

Esta seção tem por intuito descrever os procedimentos metodológicos que foram adotados na realização deste estudo, classificando-os de acordo com a abordagem, objetivos, procedimentos, coleta/análise dos dados, e quanto ao objeto de estudo.

3.1.1 Quanto à abordagem

Quanto à abordagem, a pesquisa em questão classifica-se como qualitativa. Para Goldenberg (1997, p.34) a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social”. Portanto, os pesquisadores que fazem uso da abordagem qualitativa procuram esclarecer “o porquê” das coisas, sem, no entanto, quantificar os dados coletados, mas sim os analisar em profundidade, de modo a compreender e explicar as dinâmicas das interações sociais de determinado grupo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Rodrigues (2006, p. 90) corrobora com os autores acima ao afirmar que a pesquisa qualitativa é adotada com o intuito de analisar problemas, que em função da sua complexidade, não podem ser representados ou demonstrados por procedimentos estatísticos, tais como, questões que envolvem aspectos psicológicos, comportamentos, opiniões e atitudes do indivíduo ou de grupos. Assim sendo, “por meio da abordagem qualitativa, o pesquisador tenta descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias”.

3.1.2 Quanto aos objetivos

Quanto aos objetivos, esta pesquisa trata-se de um estudo descritivo. Na pesquisa descritiva “os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Isto significa que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador” (ANDRADE, 2010, p. 112). Utiliza-se a pesquisa descritiva, por exemplo, para descrever as características de um determinado grupo social ou as características de um mercado consumidor, ou ainda, a opinião e motivações de um grupo socioeconômico (RODRIGUES, 2006).

De modo muito semelhante, Rodrigues (2006) aponta que se emprega a pesquisa descritiva com o intuito de estabelecer relações entre variáveis de um determinado fenômeno, sem, no entanto, manipulá-lo. Ou seja, o pesquisador busca verificar, catalogar, estudar e interpretar os fenômenos sem interferir neles, as variáveis e suas relações vão sendo analisadas à medida que surgem espontaneamente, durante a coleta de dados.

3.1.3 Quanto aos procedimentos técnicos

No que diz respeito aos procedimentos, a pesquisa em questão apresenta-se na forma de um estudo de caso. Na opinião de Lakatos (2011), o estudo de caso se refere à investigação feita em profundidade, e sob todos os aspectos, de determinado caso ou de um grupo social em particular. Para isso, faz-se necessário reunir a maior quantidade possível de informações detalhadas sobre o assunto, tendo por intuito compreender e relatar a complexidade dos fatos que permeiam o objeto de estudo em questão.

De modo semelhante, Gil (2010, p. 37) descreve o estudo de caso como “o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Por fim, Severino (2007) aponta que o estudo de caso é uma pesquisa que gira em torno de um caso em particular, julgado como representativo de uma série de casos igualmente análogos.

3.1.4 Quanto à coleta dos dados

Com relação à coleta de dados desta pesquisa, esta se deu por meio de entrevistas semiestruturadas. Conforme aponta Lakatos (2011) a entrevista nada mais é do que uma conversa informal entre duas pessoas, na qual uma delas representa a figura do entrevistador e a outra a do entrevistado. No entanto, as entrevistas, apesar de serem conversas informais, possuem um propósito bem específico, obter informações importantes para a compreensão das experiências e perspectivas dos indivíduos entrevistados.

Deve-se ressaltar que normalmente as entrevistas qualitativas são pouco estruturadas, visto que, o objetivo principal do entrevistador é entender o significado que o entrevistado dá aos eventos e fenômenos que o circundam no dia a dia, utilizando-se de seus próprios termos. Nesse sentido, apesar da entrevista semiestruturada seguir um roteiro simples, capaz de conduzir o entrevistador pelos principais assuntos da entrevista, este possui uma maior liberdade de guiar a entrevista, levando-a para as direções mais adequadas, de acordo com as respostas dos entrevistados (LAKATOS, 2011).

Por fim, é importante salientar que, quando da realização da coleta de dados deste estudo, dois dos entrevistados não se encontravam no Brasil, desta forma, com estes indivíduos a entrevista se deu por meio de recursos eletrônicos (*Whatsapp*).

3.1.5 Quanto à análise dos dados

Por sua vez, a análise de conteúdo foi a técnica empregada para o tratamento dos dados da pesquisa em questão. Segundo Bardin (1977, p. 42) a análise de conteúdo pode ser definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos...”. Ainda de acordo com a visão de Bardin, a análise de conteúdo compreende três passos: (a) pré-análise; (b) exploração do material; (c) tratamento dos dados e interpretação.

Pode-se definir a primeira etapa, chamada de pré-análise, como a etapa da organização, na qual é definido um esquema preciso de trabalho. Nessa fase, inicia-se o processo de selecionar /escolher os documentos que serão analisados; no caso de entrevistas, é nesse período que elas serão transcritas. Na segunda fase, exploração do material, se define quais procedimentos serão adotados para auxiliar na interpretação do material, como por exemplo, categorizar as informações em uma esquematização que permita correlacioná-las durante a fase da interpretação, ou separar o material de acordo com tópicos específicos para facilitar no entendimento, posteriormente. Por fim, a terceira fase, tratamento dos dados e interpretação, é a etapa na qual são feitas as inferências, onde se obtém os resultados da investigação (CÂMARA, 2013; VERGARA, 2005).

3.1.6 Objeto de Estudo

O objeto de estudo da presente pesquisa trata-se da Universidade Federal do Ceará (UFC). A UFC é uma Instituição de Ensino Superior pública Brasileira, uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação e amparada pelos recursos do Governo Federal do

Brasil. Ela Possui 64 anos de existência, sua criação data do dia 16 de dezembro de 1954, sendo instituída pela Lei nº 2.373 e administrada pelo seu então Reitor e fundador, Prof. Antônio Martins Filho (PORTAL DA UFC, 2018).

No início a Universidade contava apenas com os cursos de Agronomia, Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia, entretanto, atualmente a UFC oferece 119 cursos de graduação (sendo 110 presenciais e nove à distância) e 94 cursos de pós-graduação (sendo 41 mestrados acadêmicos, sete mestrados profissionais e 36 doutorados). Hoje em dia, a Universidade é formada por sete campi, três localizados em Fortaleza, onde fica a atual sede da UFC, sendo eles o *Campus* do Benfica, *Campus* do Pici e *Campus* do Porangabuçu, e quatro campi localizados no interior do Ceará, são eles o *Campus* de Sobral, *Campus* de Quixadá, *Campus* de Crateús e *Campus* de Russas (PORTAL DA UFC, 2018).

Pode-se dizer que nos dias atuais a Universidade Federal do Ceará se configura como uma importante Instituição de Ensino, tanto no contexto nacional quanto internacional. No ano de 2017, o *ranking web of Universities – ranking* desenvolvido pelo Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC), órgão ligado ao Ministério da Educação da Espanha – apontou que a UFC ocupa a 10º posição entre as maiores Instituições de Ensino Superior brasileiras. Entre as Instituições de Ensino Superior da América Latina, a UFC se encontra na 18º posição. Já entre as Universidades do BRICS (*Brazil, Russia, India, China and South Africa*) a UFC evoluiu bastante desde o *ranking* de 2016, no qual ocupava a 68º posição, passando atualmente para a 30ª posição (O POVO ON LINE, 2017).

Assim sendo e tendo em vista que a Universidade Federal do Ceará se caracteriza como uma Instituição de Ensino Superior de Excelência e referência, tanto nacional quanto internacionalmente, uma pesquisa feita no ano de 2016 pelo site Tribuna do Ceará mostrou que a UFC se destaca como uma das principais escolhas de Instituição de Superior pelos estudantes estrangeiros. No ano de 2015, a universidade matriculou 72 alunos advindos de outros países, os quais foram distribuídos em 43 cursos de graduação, mestrado e doutorado. Ao longo dos últimos 41 anos passaram pela instituição aproximadamente 536 estudantes estrangeiros (TRIBUNA DO CEARÁ, 2016).

Desse modo, visto que a UFC se destaca como uma importante Instituição de Ensino acolhedora de estudantes provenientes de outros países, além de se configurar como uma das principais Universidades Brasileiras, justifica-se a realização da presente pesquisa na referida Instituição, uma vez que os resultados do estudo podem fornecer à UFC subsídios que auxiliem a acolher esses intercambistas com excelência e assim continuar avançando no

ranking do desenvolvimento dentre as Instituições de Ensino Superior mundiais.

Por fim, e conforme explanado anteriormente na seção introdutória, o universo desta pesquisa é composto tanto pelos alunos estrangeiros que se encontram atualmente realizando intercâmbio acadêmico na Universidade Federal do Ceará quanto pelos ex-alunos estrangeiros da universidade, indivíduos que participaram anteriormente de programas de mobilidade acadêmica internacional alocados na UFC, tendo, porém já finalizado os seus estudos na universidade e regressado aos seus países de origem. E a amostra total, por sua vez, foi formada por 08 estrangeiros, sendo estes alunos e ex-alunos da Universidade Federal do Ceará, sem distinções de curso ou nacionalidade. Os mesmos foram selecionados por conveniência, de acordo com a disponibilidade de cada um.

Ademais, tendo por intuito enriquecer a qualidade da pesquisa em questão e uma vez que se mostra deveras importante conhecer a opinião da Universidade acerca do processo de adaptação de seus estudantes estrangeiros, foi entrevistado, do mesmo modo, um representante da Pró-Reitoria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Ceará (PROINTER/UFC).

Abaixo, o Quadro 2, recapitula de forma resumida todos os procedimentos metodológicos que foram adotados neste estudo.

Quadro 2 – Resumo dos Procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

(continua)

Procedimentos Adotados		Definição
Quanto à abordagem	Pesquisa Qualitativa	“Não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social”, Goldenberg (1997, p.34).
Quanto aos objetivos	Pesquisa Descritiva	“Os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”, Andrade (2010, p. 112).
Quanto à coleta de dados	Entrevista Semiestruturada	Conversas informais, que possuem o propósito de obter informações importantes para a compreensão das experiências e perspectivas dos indivíduos entrevistados, Lakatos (2011).
Quanto à análise dos dados	Análise Conteúdo	“Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos...”, Bardin (1977, p. 42)

Quadro 2 – Resumo dos Procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

(conclusão)

Quanto aos procedimentos técnicos	Estudo de caso	“O estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”, Gil (2010, p. 37).
Objeto de Estudo da Pesquisa	UFC	Universidade Federal do Ceará
Universo	O universo desta pesquisa é composto pelos estrangeiros que vivenciaram a experiência do intercâmbio acadêmico alocados na UFC	Alunos estrangeiros que se encontram atualmente realizando intercâmbio acadêmico na Universidade Federal do Ceará e ex-alunos, que participaram anteriormente de programas de mobilidade acadêmica internacional alocados na UFC, tendo, porém já finalizado os seus estudos na universidade e regressado aos seus países de origem.
Amostra	Amostra por conveniência	Foram entrevistados 08 estrangeiros, sendo estes alunos e ex-alunos em situação de mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Ceará, sem distinção de curso ou nacionalidade.
		Do mesmo modo, foi entrevistado o Professor responsável pela Coordenação de Mobilidade Acadêmica da Pró-reitoria de Relações Internacionais da UFC (PROINTER/UFC).

Fonte: Elaborado pela autora

Em síntese, conforme demonstrado no Quadro 2, a pesquisa em questão apresenta-se na forma de um estudo de caso qualitativo e descritivo, o objeto de estudo é a Universidade Federal do Ceará. Quanto à coleta de dados esta se deu por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas junto aos intercambistas da Universidade. Por sua vez, a análise de dados foi feita por meio da técnica de análise de conteúdo.

Desse modo, e uma vez que a seção metodológica foi finalizada, a próxima seção deste trabalho tem por intuito apresentar a análise dos dados coletados por meio das entrevistas feitas junto aos estudantes estrangeiros que se encontram em mobilidade acadêmica na UFC, e junto ao responsável pela Coordenação de Mobilidade Acadêmica da Pró-Reitoria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Ceará.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A presente seção tem por intuito apresentar a análise dos dados coletados mediante as entrevistas feitas junto aos estudantes estrangeiros que se encontram em mobilidade acadêmica na Universidade Federal do Ceará e junto ao professor responsável pela Coordenação de Mobilidade Acadêmica da Pró-Reitoria de Relações Internacionais.

É importante ressaltar que a análise de dados da presente pesquisa está dividida em duas subseções, a primeira tem por objetivo contextualizar a Universidade Federal do Ceará, demonstrar como se dá a captação e a acolhida dos seus alunos estrangeiros, dentre outras informações que se mostram pertinentes a realização desta pesquisa.

Na segunda subseção, por sua vez, a ênfase se dá de fato a análise do processo de adaptação dos estudantes estrangeiros, na qual são abordadas as principais dificuldades, as motivações e expectativas desses estudantes, bem como as transformações que o intercâmbio acarretou em suas vidas e o papel da universidade no seu processo de adaptação.

4.1 Contextualizando a Universidade Federal do Ceará

Conforme citado anteriormente na seção metodológica desta pesquisa, a Universidade Federal do Ceará é uma Instituição de Ensino Superior pública Brasileira, uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC); ela foi fundada no dia 16 de dezembro de 1954, possuindo, portanto 64 anos de existência. Atualmente a Universidade oferece 119 cursos de graduação (110 presenciais e nove à distância) e 94 cursos de pós-graduação (41 mestrados acadêmicos, sete mestrados profissionais e 36 doutorados) (PORTAL DA UFC, 2018).

É importante ressaltar que nos dias atuais a UFC é quista, tanto no cenário nacional quanto internacional, como uma importante Instituição de Ensino, chegando a ocupar no ano de 2017 a 10º posição entre as maiores Instituições de Ensino Superior Brasileiras, e a 18º entre as Instituições de Ensino Superior da América Latina, de acordo com o *ranking web of Universities* (*ranking* desenvolvido pelo Conselho Superior de Investigações Científicas - CSIC, órgão ligado ao Ministério da Educação da Espanha) (O POVO *ON LINE*, 2017).

4.1.1 Lema, Missão e Visão da Universidade Federal do Ceará

“O Universal pelo Regional” é o lema da Universidade Federal do Ceará, justifica-se a adoção desse lema, uma vez que a UFC é uma Instituição que busca concentrar seus esforços na solução de problemas locais, sem que para isso, no entanto, se esqueça do seu caráter universal de produção (UFC, 2017).

Por sua vez a missão da UFC é “formar profissionais da mais alta qualificação, gerar e difundir conhecimentos, preservar e divulgar os valores éticos, científicos, artísticos e culturais, constituindo-se em instituição estratégica para o desenvolvimento do Ceará, do Nordeste e do Brasil” (UFC, 2017).

Por fim, tem-se a visão da Universidade que é “consolidar-se como instituição de referência no ensino da graduação e pós-graduação, de preservação, geração e produção da ciência e tecnologia, e de integração com o meio, como forma de contribuir para a superação das desigualdades sociais e econômicas, por meio da promoção do desenvolvimento sustentável do Ceará, do Nordeste e do Brasil” (UFC, 2017).

4.1.2 Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Ceará

Ao longo dos últimos anos, tendo em vista o intenso fluxo de intercâmbios promovidos por meio do Programa Ciências sem fronteiras, a UFC passou a redefinir suas bases em moldes mais abertos à internacionalização e a investir em políticas de atração de estudantes estrangeiros (PLANO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFC, 2017).

Por sua vez, esta atração se dá principalmente por meio da participação da UFC em programas institucionais, como o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC), dentre outros acordos bilaterais. Em Julho de 2017 a Universidade Federal do Ceará já contava com 529 convênios assinados junto a 37 países distintos, incluindo Estados Unidos, França, Alemanha, Canadá e Reino Unido (COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E MARKETING INSTITUCIONAL DA UFC, 2017; PLANO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFC, 2017).

Deve-se ressaltar, contudo, que até o ano de 2016 a UFC não possuía uma política de internacionalização bem definida, competindo no cenário internacional graças à qualidade de sua Pesquisa, Ensino e Extensão, pela experiência internacional de seus alunos, professores, técnicos e colaboradores e pelas parcerias internacionais em projetos e publicações (PLANO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFC, 2017).

Entretanto, no ano de 2017, com vistas a fomentar a internacionalização da Universidade, foi criada a Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER), antiga Comissão de Assuntos Internacionais (CAE), que possui as seguintes metas:

Articular e aprimorar as ações de internacionalização; compatibilizar nossas estruturas curriculares e acadêmicas a modelos internacionais; ambientar professores e alunos estrangeiros; orientar alunos, professores e servidores da UFC em missões ao exterior; consolidar parcerias com instituições estrangeiras; promover ações voltadas para a internacionalização linguística na UFC (PLANO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFC, 2017).

Algumas das propostas da PROINTER são incentivar a aprendizagem de idiomas estrangeiros, contribuir para o aprendizado sobre a cultura de outros países e ampliar o número de visitantes estrangeiros na Universidade Federal do Ceará. Quanto à estrutura, a PROINTER é composta pelo Pró-Reitor de Relações Internacionais e pelas Coordenadorias de Mobilidade Acadêmica; de Intercâmbio e Convênios e; de Internacionalização Linguística (COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E MARKETING INSTITUCIONAL DA UFC, 2017).

Outro fato relevante, é que também no ano de 2017 foi aprovado o Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Ceará e instituído um Comitê específico para o Tema, o Cominte – Comitê de Internacionalização, que se configura como mais um importante passo rumo ao processo de internacionalização da UFC (COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E MARKETING INSTITUCIONAL DA UFC, 2017).

4.1.3 Mobilidade Acadêmica Internacional na Universidade Federal do Ceará

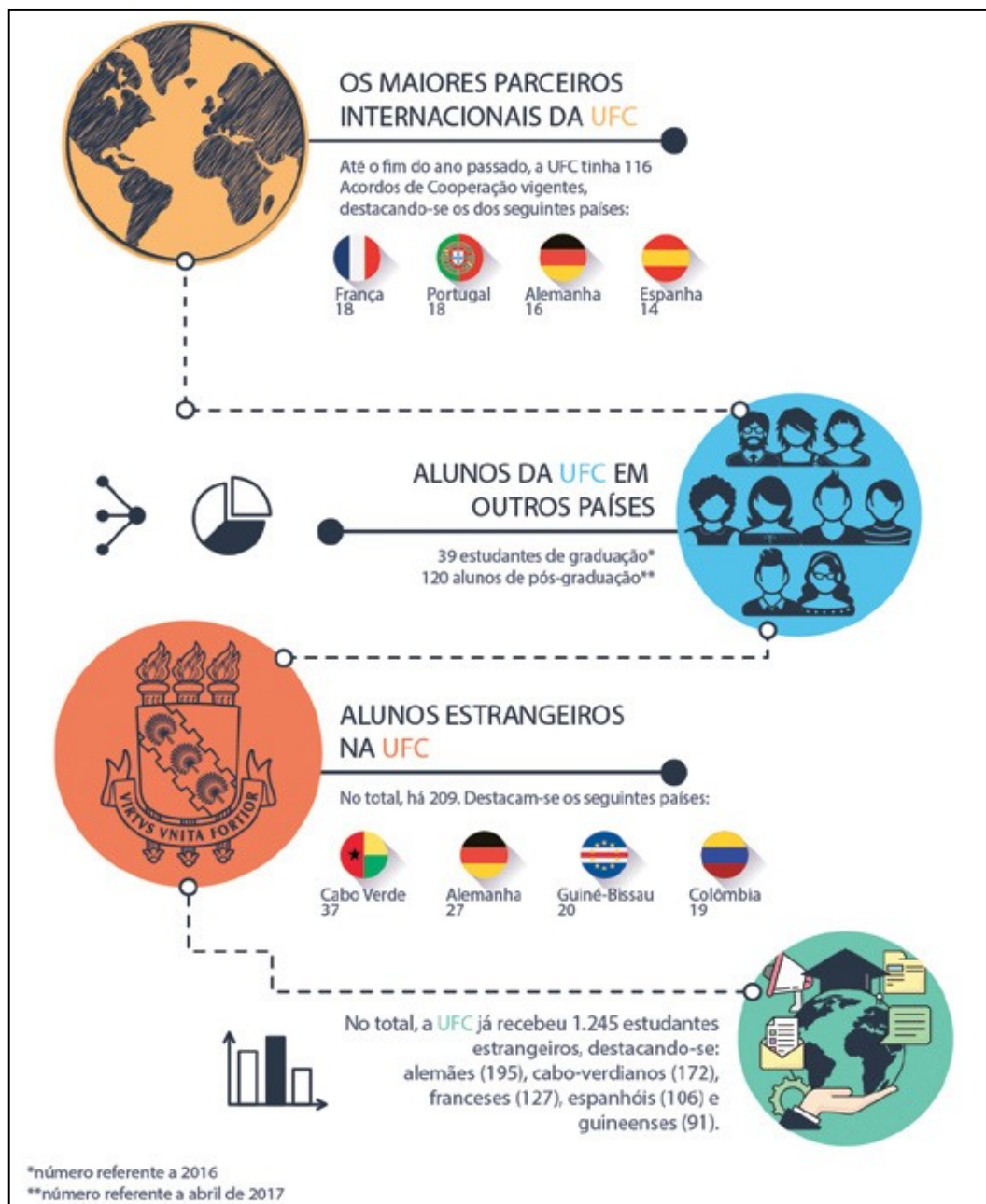
De acordo com a Coordenadoria de Mobilidade Acadêmica da PROINTER, existem atualmente duas modalidades vigentes de mobilidade acadêmica na Universidade Federal do Ceará: Mobilidade Acadêmica Livre e Mobilidade Acadêmica Vinculada a Programas.

- a) Mobilidade Acadêmica Vinculada a Programas:** são programas de colaboração entre a Universidade Federal do Ceará e Universidades no Exterior, nesses casos, tipicamente, os alunos recebem auxílio por meio de bolsas e tudo é regulamentado através de um edital de seleção. Ou seja, os alunos mediante o edital participam do processo de seleção e em caso de aprovação são aceitos para estudar na UFC, como exemplo de programas deste tipo, pode-se citar o PEC-G, Programa de Estudantes-Convênio de Graduação.
- b) Mobilidade Acadêmica Livre:** qualquer aluno que esteja regularmente matriculado em uma universidade no exterior pode se candidatar a estudar por um período na Universidade Federal do Ceará, essa é a chamada Mobilidade Acadêmica livre, e ela se direciona basicamente para aqueles alunos que desejam estudar na UFC, mas que não tem acesso a nenhum programa ou convênio específico.

Tipicamente tais alunos vêm de universidades que já tem convênio com a UFC, mas a gente também aceita alunos de universidades não conveniadas, então isso se chama de mobilidade livre e os alunos precisam mandar certos documentos, preencher o formulário, a gente examina se está tudo certo, depois a gente manda essa candidatura para o curso em questão onde ele quer fazer estágio para ver se lá tem vaga, normalmente a resposta é positiva e a gente manda uma carta convite ao aluno junto com uma carta ao consulado do Brasil naquele país para que ele (o estudante) possa pedir seu visto de estudante (COORDENADORIA DE MOBILIDADE ACADÊMICA DA PROINTER).

A seguir, a Figura 8 demonstra o contingente de alunos estrangeiros em Mobilidade Acadêmica na UFC e o número de alunos brasileiros em Mobilidade Acadêmica no exterior.

Figura 8 – Números da Mobilidade Acadêmica Internacional da UFC (2016/2017)



Fonte: Jornal da UFC – Maio de 2017.

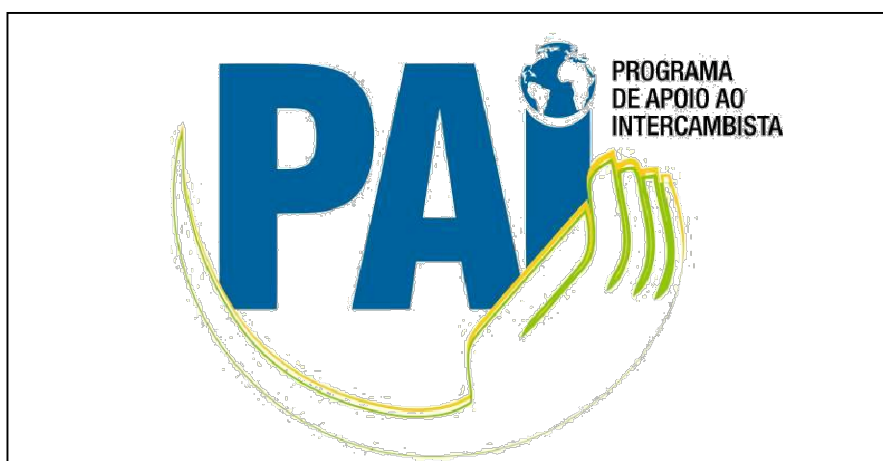
Conforme é possível observar na ilustração, até maio de 2017 a UFC possuía um contingente de 209 alunos estrangeiros, sendo os maiores números provenientes de estudantes oriundos de Cabo Verde (37), Alemanha (27), Guiné-Bissau (20) e Colômbia (19). Em contrapartida percebe-se que o principal destino dos estudantes brasileiros em mobilidade acadêmica no exterior são França, Portugal, Alemanha e Espanha, evidenciando a preferência dos alunos brasileiros por países europeus.

4.1.4 Programa de Apoio ao Intercambista (PAI)

O Programa de apoio ao intercambista (PAI) é um projeto de extensão vinculado à Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC), que tem por intuito ajudar, orientar e integrar alunos em situação de mobilidade acadêmica internacional na UFC em seus primeiros “passos” em Fortaleza e na Universidade (PAI UFC, 2013).

Uma vez por ano o PAI realiza um processo de seleção, aberto a todos os alunos da UFC que possuam interesse em participar, os selecionados chamados de “padrinhos” e “madrinhas” se tornam responsáveis, dentre outras coisas, por entrar em contato com os estudantes estrangeiros, buscá-los no aeroporto, auxiliá-los com as questões burocráticas e em relação à moradia, e fornecer informações sobre Fortaleza e sobre a Universidade Federal do Ceará. Desde 2010, quando foi fundado, até maio de 2017 estima-se que 500 alunos foram beneficiados pelo programa (JORNAL DA UFC, 2017). A seguir, a Figura 9 traz o logotipo do Programa de Apoio ao Intercambista PAI – UFC.

Figura 9 – Logo do Programa de Apoio ao Intercambista (PAI – UFC)



Fonte: www.Facebook.com/PAI.UFC/ (2013)

A Coordenadoria de Mobilidade Acadêmica da PROINTER aponta o PAI como uma importante ferramenta no processo de adaptação dos alunos estrangeiros da UFC.

4.2 Processo de Adaptação dos Estudantes Estrangeiros em situação de mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Ceará

A fim de coletar os dados necessários para a realização da pesquisa em questão, foram feitas entrevistas junto a oito estrangeiros, sendo estes, alunos e ex-alunos em situação de mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Ceará. Ademais, além dos estudantes estrangeiros foi entrevistado também o professor responsável pela Coordenação de Mobilidade Acadêmica da Pró-reitoria de Relações Internacionais; visto que a percepção de um representante da Universidade acerca do processo de adaptação dos seus alunos estrangeiros se mostra deveras importante para o enriquecimento desta pesquisa.

O perfil dos entrevistados se encontra, a seguir, no Quadro 3.

Quadro 3 – Perfil dos entrevistados

	Idade	Nacionalidade	Curso	Gênero	Há quanto tempo estuda na UFC
Intercambista 1	25 anos	Peruana	Publicidade e Propaganda	Feminino	3 anos e 6 meses
Intercambista 2	30 anos	Mexicano	Mestrado em Administração	Masculino	2 anos
Intercambista 3	19 anos	Cabo Verdiana	Odontologia	Feminino	9 meses
Intercambista 4	24 anos	Cabo Verdiana	Jornalismo	Feminino	4 anos
Intercambista 5	30 anos	Angolano	Administração	Masculino	4 anos e 6 meses
Intercambista 6	26 anos	Colombiana	Mestrado em Farmacologia	Feminino	1 ano e 9 meses
Intercambista 7	22 anos	Cabo Verdiana	Publicidade e Propaganda	Feminino	4 anos
Intercambista 8	29 anos	Colombiana	Mestrado em Ciências do Solo	Feminino	2 anos
Gestor	50 anos	Alemão	Professor associado ao departamento de Filosofia da UFC desde 2006, encontrando-se há 12 anos no Brasil. Além de lecionar na Universidade é atualmente responsável pela Coordenação de Mobilidade Acadêmica da Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER).		

Fonte: elaborado pela autora

Quando da realização da entrevista o Estudante 5 e a Estudante 8 já haviam concluído os seus estudos na Universidade Federal do Ceará e regressado aos seus países de origem. Os demais alunos, no entanto, ainda se encontram atualmente em mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Ceará. Vale salientar que, para os dois estrangeiros que se encontravam fora do Brasil quando da coleta dos dados, a entrevista se deu por meio

de recursos eletrônicos (Whatsapp), conforme mencionado anteriormente na seção metodológica deste estudo.

Tendo por intuito compreender como ocorre o processo de adaptação de um estudante quando da sua locomoção para um país estrangeiro a fim de realizar um intercâmbio acadêmico, foi questionado durante as entrevistas aspectos relativos às dificuldades percebidas durante a realização do intercâmbio, fatores motivacionais que os impulsionaram a estudar em outro país, como se deu a escolha do Brasil como país hospedeiro para a realização do intercâmbio, as expectativas e os benefícios esperados ao final do processo de mobilidade acadêmica, o conhecimento prévio que os mesmos detinham acerca da cultura brasileira antes de iniciar o intercâmbio, bem como as transformações percebidas após entrar em contato com a cultura brasileira, o papel da universidade no processo de adaptação e a importância da adaptação para que a experiência do intercâmbio seja bem sucedida.

A seguir, o Quadro 4 traz um resumo dos principais aspectos envolvidos no processo de adaptação dos estudantes estrangeiros da UFC, apresentando de modo sintético os resultados encontrados após a análise das entrevistas.

Quadro 4 – Principais aspectos envolvidos na adaptação dos estudantes estrangeiros.

(continua)

Processo de adaptação dos estudantes estrangeiros da UFC	
Assunto	Resultados Obtidos
Dificuldades Inerentes ao processo de adaptação	<ul style="list-style-type: none"> • Moradia • Falta de Instruções da Universidade • Insegurança da cidade • Dificuldades Burocráticas • Dificuldades Financeiras • Dificuldades Acadêmicas • Dificuldade em se socializar com os colegas nativos • Dificuldades para se comunicar
Motivações para a realização do intercâmbio (no Brasil/UFC)	<ul style="list-style-type: none"> • Melhor qualidade acadêmica • Busca por experiências internacionais • Desejo de sair do país de origem • Proximidade geográfica com o país de origem • Proximidade cultural com o país de origem • Questões Financeiras • Busca pela independência
Expectativas com relação ao intercâmbio	<ul style="list-style-type: none"> • Expectativas acadêmicas • Expectativas Sociais “socialização” • Preparação para o mercado de trabalho • Não tinha expectativas prévias

Quadro 4 – Principais aspectos envolvidos na adaptação dos estudantes estrangeiros.

(conclusão)

Conhecimento prévio da cultura do Brasil	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento mínimo (“samba” “futebol”) • Conhecia apenas por televisão (“telenovelas” “música” “noticiários”) • Conhecia um pouco, já havia visitado o Brasil
Papel da Universidade no processo de adaptação dos seus alunos	<ul style="list-style-type: none"> • A UFC ajudou muito no meu processo de adaptação • A UFC ajudou no meu processo de adaptação, mas ainda pode melhorar • A UFC ajudou de forma muito superficial no meu processo de adaptação • A UFC não desempenhou o seu papel corretamente, deixou muito a desejar • A UFC não influenciou no meu processo de adaptação
Transformações acarretadas pela experiência do intercâmbio	<ul style="list-style-type: none"> • Transformações externas (“modo de falar” “modo de se vestir”) • Transformações comportamentais (“estilo de vida” “crescimento pessoal”) • O Intercâmbio reforçou os meus laços culturais com a minha cultura de origem • Não passei por transformações

Fonte: elaborado pela autora

Em síntese, conforme é possível observar no Quadro 4, os resultados obtidos estão de acordo com diversos tópicos discutidos anteriormente no referencial teórico. Assim sendo, e tendo por intuito facilitar na compreensão e interpretação dos resultados, a seguir serão explanados de forma mais detalhada cada um dos pontos discriminados acima.

4.2.1 Dificuldades Inerentes ao processo de adaptação

Conforme os depoimentos coletados junto aos estudantes estrangeiros, diversas são as dificuldades percebidas ao longo do período de realização do intercâmbio. Inicialmente, as primeiras dificuldades se manifestam logo após a chegada do aluno ao Brasil, quando há a necessidade de procurar moradia, de tratar de questões burocráticas e realizar a matrícula no curso de graduação escolhido.

Não recebi nenhum apoio, ninguém me recebeu sequer no aeroporto, cheguei 7 horas da noite e dormi numa pousada, dia seguinte fui à reitoria e ninguém me prestou apoio, uma cidade que não conhecia, sem dinheiro suficiente, por sorte me encontro com um estudante angolano que me recebeu em sua residência... Alguns amigos angolanos me ajudaram na minha matrícula e aos poucos fui conhecendo a cidade, a universidade e o país. Confesso que me decepcionei e queria voltar para meu país seis meses depois (Estudante 5).

(Com relação à burocracia) realmente era muito difícil você fazer alguma coisa, ir ao banco, na renovação do visto, em qualquer escritório sempre é complicado porque todo mundo dava instruções diferentes e todo mundo pedia documentos diferentes, parecia que os requisitos eram muito subjetivos, parece que tudo depende da pessoa que está atendendo o seu caso, aí na próxima vez que você volta é outra pessoa, então são novos requisitos, aquilo foi difícil (Estudante 8).

Posteriormente, passado o momento do contato inicial entre o estudante e o país hospedeiro, quando este já se encontra devidamente instalado e já superou os obstáculos iniciais, as demais dificuldades vão se tornando cada vez mais evidentes, uma das principais dificuldades apontadas pelos estudantes diz respeito à questão do idioma.

Visto que estes alunos são provenientes de países estrangeiros, que possuem línguas diferentes, muitos dos entrevistados afirmaram sentir dificuldade em comunicar-se e conseqüentemente em se socializar com os seus colegas nativos; mesmo os alunos oriundos de Cabo Verde e Angola, que são países que falam o idioma português, afirmaram sentir dificuldade com relação ao sotaque e que isso os impedia de tentar conversar com os colegas brasileiros porque acreditavam que não seriam compreendidos corretamente; conforme é possível perceber a seguir no discurso da Estudante 7, “falar foi um pouco difícil porque eu sei que o nosso sotaque é bem diferente e os brasileiros alguns até dificultam, ‘tipo’ não entendo, não vou entender, aí ficava muito estranho, eu ficava muito insegura. Eu tinha que deixar esse medo de comunicar com os outros”.

Do mesmo modo é importante ressaltar, que não apenas na questão da socialização, as dificuldades decorrentes do idioma também se estendem para a sala de aula.

Muitos professores não gostam de ter um estudante (estrangeiro) na aula, não gostam de falar devagar pro estudante entender, muitos professores de propósito falam mais rápido do (que o) normal, só pro estrangeiro se sentir por fora, “tipo” só pra dizer pro estrangeiro, olha se você veio pra cá, devia saber muito bem a nossa língua. Eu não tive aula de português lá na UFC, no centro de idiomas, mas os comentários que eu ouvi é que o curso era muito simples, que as pessoas não progrediam no português. No seu curso, o estrangeiro é muito perdido, em coisas da faculdade, falta muita consciência das pessoas que trabalham na UFC, tanto professores como os outros funcionários (Estudante 8).

Ainda com relação às dificuldades acadêmicas, ao longo das entrevistas foi apontado por diversos estudantes que nos primeiros semestres adaptar-se ao nível acadêmico exigido pela UFC foi difícil, pelo fato de não estarem acostumados com a dinâmica e a rotina de estudos adotadas na universidade, eles não conseguiam acompanhar toda a matéria e conseqüentemente estavam sempre atrasados em relação aos colegas brasileiros, sendo por isto vistos com maus olhos, como é possível inferir a partir da fala da Estudante 7: “eu ficava com medo de pedir pra entrar no grupo, porque já sabe, fica com aquela fama, aquela num faz nada então a gente não vai chamar”.

Outra dificuldade também citada ao longo das entrevistas foi a financeira. Para aqueles alunos que fazem parte de algum convênio específico, é assegurado por meio desse convênio o recebimento de um auxílio financeiro para custear as suas despesas no outro país, no

entanto, um dos alunos afirmou que no início do intercâmbio, as bolsas vieram em um valor a menor do que aquele que fora assegurado. Uma segunda aluna afirmou ainda que o recebimento da bolsa só se deu após dois semestres cursados, e que por isso teve que depender da ajuda dos seus familiares ao longo de todo o primeiro ano da graduação:

“Se você não tiver seus pais a te ajudar, porque a bolsa você só consegue depois de um ano, então no ano de 2014 eu sempre vivi à custa da minha família, que é o dinheiro que a minha mãe me enviava, e pronto, se você não tiver, você fica assim sem saber como (viver)” (Estudante 4).

De forma semelhante, o Estudante 2 também relata a seguir as dificuldades financeiras que enfrentou:

Eu tive dificuldades quando eu cheguei porque eu cheguei num momento quando a gente não tinha voz, eu falo nas dificuldades econômicas muito complexas, houve alguns problemas de financiamento, que os programas das bolsas não vieram nos pressupostos que estavam projetados e a gente ficou sem bolsa, eu conheço gente que voltou ao seu país porque não recebeu, eu não sabia como a gente ia conseguir viver (Estudante 2).

Por fim, é importante ressaltar ainda que a insegurança da cidade de Fortaleza foi mencionada em inúmeros trechos das entrevistas como um fator negativo ao processo de adaptação dos estudantes, uma espécie de inibidor, como nota-se no discurso da Estudante 3.

“A questão da segurança aqui foi um choque pra mim, era constante a violência (no meu país), mas quando eu cheguei aqui foi “tipo” um absurdo de violência, ai eu fiquei assim com aquele medo de sair de casa, eu não saía, eu passava uma semana direto dentro de casa”. Em consonância com a Estudante 3, o Estudante 2 aponta que:

A verdade um pouco triste, que aqui em Fortaleza é uma cidade tão insegura que as pessoas não podem ser tão livres, como por exemplo, podem ser em outros países, aqui você não pode andar nas ruas, não pode sacar o *teléfono*. E isso na verdade é muito chato, porque eu gosto muito de Brasil e particularmente gosto muito de Fortaleza, mas na área perto da UFC você não está seguro, é que em outros países, mesmo no México onde eu moro, em outros países, em outras cidades mesmo aqui de Brasil que eu tive a oportunidade de fazer intercâmbio, você podia sair perto da Universidade e aqui *no*, em Fortaleza *no*, você pode sair da Universidade e ser assaltado a uma quadra da Universidade e isso é muito chato na verdade.

Em síntese, a insegurança e a violência da cidade de Fortaleza se configuram como um inconveniente assim como é na vida dos próprios nativos da cidade, no entanto, de acordo com o discurso dos entrevistados, a insegurança não se caracteriza como um obstáculo forte o suficiente para lhes fazer desejar voltar aos seus países de origem antes de concluírem os seus estudos na Universidade Federal do Ceará.

E finalmente, faz-se necessário destacar aqui que a maior parte das dificuldades apontadas pelos estudantes estrangeiros está de acordo com as citadas por Oliveira e Freitas (2017). Segundo os autores, ao adentrarem no país estrangeiro, normalmente, os intercambistas passam por alguns percalços decorrentes de questões práticas, tais como, acomodação, documentações, vistos, abertura de conta bancária, dentre outras. O idioma também é visto como uma adversidade dentro e fora da Universidade, além dos desafios sociais, caracterizados pela dificuldade do intercambista se relacionar com os estudantes nativos dentro do contexto universitário, e fora do ambiente acadêmico.

4.2.3 Motivações para a realização do intercâmbio (no Brasil)

Em concordância com Stallivieri, Piloto e Gonçalves (2015), o discurso dos entrevistados apontou a busca por uma melhor qualidade acadêmica/desenvolvimento profissional como o principal fator motivacional para a realização do intercâmbio acadêmico. Deve-se ressaltar, no entanto, que embora a qualidade acadêmica se caracterize como o fator motivacional mais relevante, existem outros fatores secundários que do mesmo modo exerceram influência na tomada de decisão dos indivíduos de irem estudar em outro país.

São eles, a busca por liberdade e por experiências internacionais; o desejo de conhecer outro país; as questões financeiras, visto que em alguns casos estudar no Brasil se torna mais vantajoso financeiramente do que estudar no próprio país de origem; além da proximidade cultural e geográfica do Brasil com os países de origem dos estudantes que permitiu que os mesmos se sentissem mais seguros em relação a sair de casa e deixar suas famílias.

No que diz respeito à busca pela qualidade acadêmica, a Estudante 1 resalta que escolheu estudar no Brasil porque o projeto educativo das universidades brasileiras é melhor quando em comparação com o seu país de origem, Peru, ademais no Brasil se fazem mais pesquisas acadêmicas e que por meio dos *rankings* internacionais ela chegou à conclusão de que a qualidade acadêmica brasileira era superior a do Peru.

Já a Estudante 4 afirmou que faz parte da cultura do seu país que os estudantes após concluírem o ensino médio façam seus estudos superiores no exterior em busca de uma melhor qualidade acadêmica, ela destaca: “a Universidade mais velha de Cabo Verde nasceu em 2001, então só tem 17 anos, é muito recente, então as pessoas têm esse pensamento de que quem sair fora é mais preparado para o mercado do que ‘tá’ dentro e eu sempre me via estudando fora e não dentro do meu país”.

A Estudante 4 aponta ainda que a sua escolha se deu especificamente por Fortaleza, por esta se configurar como uma das cidades brasileiras mais próximas do seu país de origem, ou seja, trata-se de uma facilidade logística, por ser mais próximo se torna mais fácil, barato e menos cansativo ir para casa no período de férias.

Com relação às questões financeiras, tanto a Estudante 6 quanto a Estudante 8, que são colombianas, afirmaram que apesar de existirem bons programas de Pós-graduação em seus países de origem, o custo é muito alto e por isso se torna financeiramente inviável estudar lá, conforme é possível observar a seguir nos discursos das duas estudantes:

Eu escolhi o Brasil pra fazer o meu mestrado porque os programas de pós-graduação brasileiros, eles são muito reconhecidos, a educação brasileira é muito reconhecida em outros países, o programa de bolsas é um programa maravilhoso que os outros países não têm, no meu país eu teria que pagar pelo programa de pós-graduação cada semestre, um custo muito alto em dinheiro, então financeiramente é difícil fazer pós-graduação no meu país, além da qualidade técnica, então no Brasil você tem a possibilidade de fazer a pós-graduação com bolsa e a qualidade técnica dos programas é muito reconhecida (Estudante 8).

Em primeiro lugar, porque Brasil é uma referência na América do Sul, enquanto pesquisa. Também pela qualidade do programa que estava procurando fazer e pela bolsa para os estudantes, tanto residentes, quanto estrangeiros. No meu país o custo é alto. Fortaleza foi minha escolha porque pesquisei sobre os melhores programas no Brasil na área que gostava (Farmacologia) e a UFC foi uma das melhores opções (Estudante 6).

Por sua vez, o Estudante 2 se considera uma pessoa em busca de experiências internacionais, para ele estudar em outro país proporciona uma maior carga de conhecimento e crescimento do que estudar em seu próprio país de origem, ele também destaca que faz parte do seu perfil gostar de viajar e que já estudou anteriormente na Espanha e que já havia visitado o Brasil em outra ocasião para fazer trabalho voluntário, sendo esta, portanto a sua terceira experiência internacional (uma na Espanha e duas no Brasil).

O discurso do Estudante 2 reafirma aquilo que é defendido por Pons, Herrero e Andreas (2007), de que há indivíduos que buscam os programas de mobilidade acadêmica não apenas por motivações de cunho acadêmico, mas porque estão em busca de novas experiências e acreditam que o intercâmbio lhes proporcionará uma experiência única de vida.

Já a Estudante 7 ressalta “eu queria sair logo da casa do meu pai, porque eu queria ganhar a minha independência, eu queria ser livre, eu ‘tava’ assim muito controlada, meu pai tomava todas as decisões”. A mesma destacou ainda que após a sua vinda ao Brasil passou a experimentar um sentimento de liberdade e independência e que estudar em Cabo Verde, seu país de origem, não seria tão enriquecedor quanto a experiência em uma universidade brasileira. Conforme destaca Pons, Herrero e Andreas (2007), ao se afastar do ambiente e do

convívio familiar, o intercambista desenvolve uma maior independência e a sensação de autoconfiança se mostra cada vez mais presente.

De forma semelhante, a Estudante 3 afirmou que sempre nutriu o desejo de estudar fora, de viajar, conquistar a sua liberdade e que estes foram os principais fatores motivacionais para a sua vinda ao Brasil, em segundo plano os demais fatores que a influenciaram foram a qualidade do ensino brasileiro e o idioma falado no Brasil, o português, mesmo idioma praticado em seu país de origem.

Primeiro, porque eu queria sair do meu país, sempre quis fazer curso fora e em Cabo Verde às saídas que tem mais são pra Portugal, China e Brasil aí eu queria Brasil porque segundo informações a área de saúde aqui no Brasil é mais desenvolvida e eu sempre quis a área da saúde e eu achei que pra mim eu estaria adquirindo mais experiência aqui no Brasil e também por causa da língua, que é o Português, ajuda bastante (Estudante 3).

Por fim, o Estudante 5 tal qual a Estudante 3, optou pelo Brasil, visto que na Angola, seu país de origem, o idioma falado é o Português e que a cultura dos dois países são muito próximas, o que tornaria o seu entrosamento mais fácil e diminuiria as dificuldades de adaptação; consoante ao que ressalta Stallivieri (2017) ao afirmar que o idioma adotado na instituição, a semelhança com o país de origem e a localização geográfica do país e da Instituição são fatores influenciadores no processo de decisão do país hospedeiro para a realização do intercâmbio.

4.2.4 Expectativas com relação ao intercâmbio

Quanto às expectativas nutridas pelos estudantes com relação ao intercâmbio, os respondentes pontuaram três principais, expectativas acadêmicas, socialização com os colegas nativos e preparação para o mercado de trabalho; um dos entrevistados, porém, afirmou que não detinha expectativas prévias, conforme é possível observar no seu discurso: “Realmente não sei, eu acho que eu ia na aventura pra ver o que eu ia encontrar, assim eu já sabia que eu ia ter uma bolsa, que eu ia fazer pós-graduação, com isso eu já estava satisfeita então eu ia pra ver como era, pra conhecer, sem muitas expectativas (Estudante 8)”.

No que se refere às expectativas acadêmicas o Estudante 2 pontuou, “principalmente eu procurava o conhecimento acadêmico e profissional de um mestrando, a capacidade de dar aulas, a capacidade de dar aulas em outras línguas”. De modo muito semelhante ao Estudante 2, a Estudante 3 destacou que esperava com a experiência do intercâmbio se tornar “uma mulher bem formada, com bagagem extremamente enriquecida de conhecimento”.

Deve-se ressaltar que as Expectativas destacadas pelos Estudantes 2 e 3 vão ao encontro com a do Estudante 5 que esperava entrar em uma boa universidade a fim de adquirir conhecimento e aumentar o seu *know-how* (conhecimentos práticos “saber-fazer”) com vistas a se inserir no mercado de trabalho do seu país de origem.

Já a Estudante 4 afirmou que depositou as suas expectativas no povo brasileiro, pois esperava fazer muitas amizades e se socializar com os estudantes nativos, tendo porém se decepcionado com o modo como foi tratada. De modo semelhante, o Estudante 5 também disse que se sentiu frustrado com a forma como foi tratado pelos colegas brasileiros, conforme é possível observar a seguir:

Então o que eu posso dizer que eu esperava mais é do próprio brasileiro, o ser humano. Na verdade o brasileiro tenta se mostrar como um povo receptivo e aberto a todas as culturas e pelo menos com os africanos eles não mostram (isso)... E isso acaba atrapalhando, atrapalhando o aluno, porque ele se sente mais retraído a cultura brasileira e até ao povo, eu no começo eu tentei fazer muitas amizades com os brasileiros, hoje em dia eu nem tento (Estudante 4).

Fiquei com a sensação de que as pessoas locais são simpáticas com você no princípio, depois de algum tempo tornam-se fechadas e diferentes, e muitas vezes me senti excluído do meio em que encontrava. No entanto, eu espero que as pessoas locais sejam mais abertas e respeitosas quanto aos estudantes estrangeiros (africanos), pois senti tratamento diferenciado em relação aos outros estudantes estrangeiros (europeus, norte-americanos) (com quem) as pessoas locais se comportam diferente, de forma mais aberta (Estudante 5).

Desse modo, tendo em vista que não conseguiram socializar-se com os nativos da forma como esperavam, o círculo de amizade da maior parte dos intercambistas ficou restrito apenas a outros estudantes que assim como eles se encontravam em situação de mobilidade acadêmica.

4.2.5 Conhecimento prévio da cultura do Brasil

No que se refere ao conhecimento prévio a respeito da cultura do Brasil, poucos alunos estavam de fato familiarizados ou já haviam tido contato com a cultura do país, conhecendo-a majoritariamente por meio do que haviam escutado de terceiros ou visto através dos recursos televisivos.

Black, Mendenhall e Oddou (1991) sugerem que um importante fator a exercer influência no processo de adaptação internacional de um indivíduo são as novidades culturais. Em outras palavras, quanto maior forem as novidades e incertezas com as quais o intercambista irá se deparar no país hospedeiro maiores serão as chances de haver choque cultural e desse modo, mais difícil se dará o processo de adaptação; daí a necessidade de se ter um conhecimento prévio da cultura na qual irá se inserir antes de iniciar o intercâmbio.

O Quadro 5 mostra de forma sintética o conhecimento cultural prévio dos entrevistados.

Quadro 5 – Conhecimento prévio da cultura brasileira.

Entrevistado	Nacionalidade	Conhecimento Prévio
Estudante 1	Peruana	Sabia muito pouco a respeito da cultura do Brasil, apenas que era conhecido por ser o país do futebol e pelo samba.
Estudante 2	Mexicano	Já havia morado por seis meses na região Sul do Brasil e sabia falar português quando veio estudar na UFC.
Estudante 3	Cabo Verdiana	Conhecia a cultura do Brasil apenas por televisão, no seu país é transmitido os canais <i>Record</i> e TV Globo, mas considera a cultura dos dois países muito similares.
Estudante 4	Cabo Verdiana	Conhecia a cultura do Brasil apenas por televisão, no seu país é transmitido os canais <i>Record</i> e TV Globo, mas considera a cultura dos dois países muito similares.
Estudante 5	Angolano	Conhecia apenas por meio da televisão: telenovelas, futebol, noticiários, mas acredita que a cultura do seu país de origem é muito parecida com a do Brasil.
Estudante 6	Colombiana	Já havia morado no Brasil anteriormente durante a graduação (fez um estágio de dois meses na própria UFC)
Estudante 7	Cabo Verdiana	Conhecia a cultura do Brasil apenas por televisão, no seu país é transmitido os canais <i>Record</i> e TV Globo, mas considera a cultura dos dois países muito similares.
Estudante 8	Colombiana	Antes de iniciar seus estudos na UFC havia estudado português em seu país de origem e feito um intercâmbio na Universidade Federal do Rio Grande do Sul durante a graduação

Fonte: Elaborado pela autora.

Os Estudantes 3, 4, 5 e 7 são provenientes de Cabo Verde e Angola, que são países que foram colônias de Portugal assim como o Brasil também o foi, daí a proximidade cultural entre os países no que se refere ao idioma, alimentação, arquitetura, dentre outros fatores. Quando questionados, esses estudantes afirmaram que apesar de nunca terem estado no Brasil antes, conhecendo-o basicamente por meio das telenovelas e noticiários, não sentiram muitas diferenças ou choque cultural.

Em Cabo Verde se consome muito das coisas do Brasil, a literatura, a música, os programas televisivos, então nenhum foi assim uma surpresa pra mim. E em relação à comida também, a comida é muito próxima, a comida, a base da alimentação, arroz, feijão, então, tudo isso é muito próximo do que a gente vê em Cabo Verde. Não tem muita diferença então pra mim não foi uma dificuldade, não foi um choque, não foi uma surpresa, pelo contrário, em algumas partes me senti como que eu tivesse em casa em relação a isso (Estudante 4).

Em Cabo Verde passa telenovela todo dia às 9 horas, mas eu conhecia só por televisão. A questão de não conhecer o país atrapalhou na adaptação? Não, porque tipo assim é quase, não é idêntico, mas tem muita coisa parecida com Cabo Verde, tipo o clima é parecido, as pessoas também então tipo eu não me senti estranha, me senti em casa não estando em casa (Estudante 3).

No que se refere aos Estudantes 2, 6 e 8, apesar de serem oriundos de países da América do Sul, de língua espanhola, os mesmos afirmaram que não sentiram grandes dificuldades com relação à cultura do Brasil, visto que quando iniciaram o programa de intercâmbio na Universidade Federal do Ceará já conheciam um pouco do idioma português e haviam morado no Brasil anteriormente.

Na verdade eu não fiquei muito surpreso com muitas coisas, eu já conhecia o Brasil, tive a oportunidade, eu morei três meses, mesmo sendo pouco, eu morei três meses no Paraná e mais três meses em Rio Grande do sul, eu já conhecia um pouco a cultura brasileira, gente de Brasil, eu falava um pouco de português, então não foi tão difícil. Em coisa de três meses a gente já se adaptou (Estudante 2).

Em contrapartida, a Estudante 1 que detinha pouquíssimo conhecimento acerca da cultura brasileira afirmou ter sentido dificuldades nos seis primeiros meses por não estar acostumada e não entender muito bem a cultura do país.

A diferença cultural no início foi um pouco chocante, no início eu não estava muito acostumada, eu não entendia bem, foi nesse tempo que eu conheci outras pessoas que também eram de fora e meio que na nossa condição de estrangeiros nos ajudamos. Nos seis primeiros meses também era difícil me adaptar ao clima, porque no Peru eu moro numa parte que é muito fria, então eu não estava acostumada a estar sempre com roupa de verão (Estudante 1).

A declaração acima corrobora com a afirmativa de Black, Mendenhall e Oddou (1991) de que quando o país hospedeiro é culturalmente distante ou diferente do país de origem do indivíduo se torna mais difícil para ele se ajustar a cultura desse país.

4.2.6 Papel da Universidade no processo de adaptação dos alunos

De acordo com Stallivieri (2017) a figura do intercambista demanda da Instituição de Ensino Superior um cuidado todo especial. No entanto, o que se percebeu com a realização desta pesquisa foi que muitos dos estudantes entrevistados, com exceção da Estudante 1, demonstraram certo descontentamento com relação aos cuidados e ao papel que a universidade vem desempenhando para com eles.

No que se refere à Estudante 1, ela afirmou que desde que chegou ao Brasil sua experiência com a universidade tem sido muito positiva, ela foi uma das beneficiadas com o Programa de Apoio ao Intercambista (PAI), tendo recebido um padrinho que foi buscá-la no aeroporto e a ajudou com todos os trâmites, e que desde então vem a auxiliando sempre que necessário:

Acho que a minha experiência foi boa, não tive muitas complicações, porém eu já ouvi histórias de outras pessoas, que não tiveram um padrinho, mas eu tive muita sorte. Pra mim a UFC não teve problemas para me receber e pra as orientações e a parte de assuntos internacionais sempre me proporcionou todas as orientações, na polícia federal também foi super tranquilo. Eu estou recebendo uma bolsa, então eu estou muito grata com isto (Estudante 1).

É possível inferir por meio do discurso da Estudante 1 que a mesma acredita ter tido uma experiência de intercâmbio positiva graças à sorte de ter recebido auxílio de um padrinho (PAI) quando da sua chegada ao município de Fortaleza. Assim sendo, é importante ressaltar aqui que atualmente a maior parte do trabalho de recepção e adaptação desses estudantes estrangeiros é feito pelo PAI, que os auxiliam a procurar moradia, com a documentação, matrícula, buscar no aeroporto, Etc. Desse modo, aqueles que por ventura, não são designados a um padrinho quando da vinda para a UFC ficam de certa forma “desprotegidos”, a mercê do apoio de outros alunos que se encontram na mesma situação de intercambista para receber algum suporte.

De acordo com dados do Jornal da UFC (2017) estima-se que aproximadamente 85% dos estudantes estrangeiros da UFC são auxiliados pelos padrinhos e madrinhas voluntários do PAI. Em outras palavras, isso significa que caso o estudante estrangeiro não tenha a sorte de estar entre o contingente de 85% beneficiado pelo PAI, ele estará entre os 15% que ficam de certo modo desamparados pela Universidade. Em suma, faz-se necessário destacar apenas que o aluno não deveria ter que contar com a sorte para ser bem recepcionado na Instituição Estrangeira na qual está indo estudar, deveria ser algo habitual e assegurado a 100% dos estudantes.

Por sua vez, o Estudante 2 afirmou que há muito desconhecimento por parte da Universidade, que não existe comunicação entre as distintas áreas que a compõem e que por isso em algumas ocasiões eles não sabem como auxiliar corretamente o estudante, sugeriu ainda que o ideal seria que todos estivessem devidamente informados, sobretudo no que diz respeito a questões importantes como os requerimentos da Polícia Federal.

Já a Estudante 3 afirmou que a Universidade não auxiliou de forma efetiva no seu processo de adaptação, visto que a maior parte do apoio recebido foi dado por outros estudantes que assim como ela se encontravam na situação de intercambistas. De acordo com a mesma é comum dentre os estrangeiros essa prática dos alunos ajudarem uns aos outros com a documentação, moradia, Etc.

De modo semelhante, a Estudante 4 destacou que a Universidade vem desempenhando o seu papel de apoiar os alunos de forma muito fragilizada, que se faz necessário entrar em contato com outros alunos estrangeiros para que se receba alguma orientação.

A UFC ela não instrui em relação a ir pra Polícia Federal a não ser se for alguma pessoa que já estava aqui te instruir isso, você chega aqui você é que tem que procurar a tua casa, você chega aqui é você que tem que ir pra tua coordenação, dizer por teu coordenador fazer a tua matrícula. É você que tem que procurar saber dos grupos de extensão e muito mais, de saber tudo (Estudante 4)

Outro ponto de reclamação feito pela mesma foi em relação ao dia da União Africana. Segundo ela, é comum que outras universidades localizadas no nordeste façam um evento na semana da União Africana e convidem os alunos das Instituições localizadas nos estados vizinhos para prestigiarem o evento. No entanto, a UFC impõe dificuldade no que se refere a disponibilizar transporte para que os seus alunos compareçam ao evento, “a gente fica solicitando ônibus e eles não dão e a gente quer fazer aqui, pra nós mesmos e eles não nos orientam, não nos ajudam, e eu às vezes fico indignada”. Por fim, a aluna destaca ainda que a UFC pode melhorar em muitos aspectos.

Mas eu acredito que a UFC tem muita coisa para melhorar, porque eu vejo uma atenção que eles dão para os alunos que vem do interior, eles conseguem casa, eles logo quando chegam no primeiro semestre já tem a possibilidade de conseguir uma bolsa. Então eu vejo toda uma preparação, toda uma ajuda com o do interior (brasileiro) e não com o que vem de fora (exterior), e pronto dá prioridade pra quem é da sua nacionalidade e tudo bem, mas também não tentar excluir aquele que vem, porque a gente, a gente não veio de favor, e é um convênio, se você abriu esse convênio, então é sua obrigação, entendeu? (Estudante 4)

Por seu turno, tanto o Estudante 5 quanto a Estudante 6 acreditam que a UFC deveria investir em moradias para os estrangeiros, mesmo que temporárias, e em uma melhor recepção, visto que caso o aluno não tenha um padrinho ou madrinha por meio do PAI não recebe muitas orientações e ajuda.

A UFC embora tenha feito grande esforço para melhorar a adaptação dos alunos estrangeiros, ainda assim deixa a desejar, principalmente com a moradia e saúde, que são essenciais para o aluno. Propiciar uma recepção ao aluno de forma que o mesmo já tenha um lugar onde ficar, pelo menos até se estabelecer e conhecer a realidade da cidade e proporcionar uma assistência à saúde, quando o mesmo precisar, pois os planos de saúde são caríssimos e existe muita burocracia para ser atendido no SUS (Estudante 5).

Já a Estudante 7 acredita que a Universidade poderia dar mais atenção a parte humana. De acordo com a mesma não há acompanhamento psicológico, a universidade se preocupa mais com a questão do rendimento acadêmico do aluno, “não tem esse contato, essa conversa, saber como ‘tá’ indo, só se for no final do semestre ou quando a nota ‘tá’ muito baixa”.

Por fim, a Estudante 8 aponta que durante o período em que estudou na UFC recebeu muito apoio dos alunos do PAI, mas que o correto seria que os órgãos competentes da Universidade também participassem de forma efetiva nesse processo de adaptação.

Na minha graduação fiz um intercâmbio pra Universidade Federal do Rio Grande do Sul e lá o escritório de Relações Internacionais, eles faziam muitas coisas pelos estudantes estrangeiros, eles faziam tour pela cidade, de graça ou com preços realmente baixos, eles faziam cinema e eles convidavam pra eventos culturais, pra festas de recepção de intercambistas, eles ajudavam muito com a moradia, aqui em Fortaleza, Ítalo (PAI) ajuda de mais com a moradia, mas não deveria ser Ítalo, a UFC devia se “apersonar” mais desse papel e assim a ajuda pros estrangeiros seria bem maior. Eu sinto que a UFC não está preparada, eu sinto que a UFC abre as portas pros estrangeiros e daí pra frente tudo é improvisado então a gente fica sentindo muitas vezes que recebem o estrangeiro só para falar, olha a gente recebe muitos estrangeiros, mas não se esforçam para receber bem, nem todo mundo se esforça, muita gente sente que o estrangeiro atrapalha e isso é realmente chato e isso é falta de preparação (Estudante 8).

Em entrevista com o Coordenador de Mobilidade Acadêmica da Pró-reitoria de Relações Internacionais, ele admitiu que de fato a maior parte do trabalho de adaptação dos estudantes estrangeiros da Universidade é feito pelo PAI, mas que em breve o programa será institucionalizado pela UFC e pertencerá a PROINTER, que desse modo poderá fazer mais pelos estudantes. Ressaltou ainda que é importante lembrar que uma das funções do intercâmbio é justamente auxiliar no desenvolvimento do aluno, que terá que estar munido de iniciativa própria e responsabilidade, não podendo depender apenas da Universidade, mas que no que for necessário a UFC está pronta para fornecer ajuda.

4.2.7 Transformações acarretadas pela experiência do intercâmbio

De acordo com o modelo de aculturação de J. Berry, quando da mudança de um indivíduo para um país estrangeiro, ocorre o fenômeno da aculturação (processo de transformação cultural) (GONZALEZ *et al.*, 2011). No entanto, em oposição ao que afirma o autor, os entrevistados destacaram que a experiência do intercâmbio não acarretou em transformações culturais significativas, visto que apesar de estarem no Brasil o contato desses estudantes com indivíduos da mesma nacionalidade que a deles ainda permanece muito forte, sendo comum a prática de dividirem a moradia com pessoas oriundas do seu país de origem e assim manter vivas suas tradições, costumes e dialeto, mesmo estando em um país estrangeiro. Alguns dos entrevistados chegaram a declarar inclusive que o intercâmbio serviu para reforçar os laços com a sua cultura de origem.

Eu não acredito que eu tive alguma transformação cultural porque eu não convivo muito com os brasileiros, a primeira coisa, né? Porque quando eu vim aqui, eu fui recebida por outros cabo verdianos que já viviam aqui, então eu não me senti como eu posso dizer desaparecida, nada disso, pelo contrário, como eu tinha pessoas ali da mesma cultura que eu, eu acho que me fortalecia, entendeu? (Estudante 4).

Sofri transformações sim, confesso! Mas sempre predominou a minha cultura, porque sempre dividi o apartamento com estudantes da mesma cultura que a minha; o que reforçou meus laços culturais (forma de falar, comida e música) e minhas atitudes. Minha cultura. Eu me identifico mais com a minha cultura, porque o clima predominante em meu apartamento sempre foi do meu país, principalmente a comida e a língua (gíria e sotaque) (Estudante 5).

Contudo, os estudantes apontaram ter passado por transformações externas que se manifestaram no modo de falar e de se vestir. Do mesmo modo, houve também transformações de caráter comportamental, visto que os mesmos se consideram pessoas mais maduras e responsáveis após a experiência do intercâmbio.

É claro, a questão de falar outra língua, apesar de ser, parecer muito com o espanhol, faz uma mudança muito grande no jeito de pensar ou de perceber as coisas. Eu acho que muitas coisas de mim mudaram, até o fato de que agora, até falar espanhol pra mim fica complicado, eu falo espanhol, mas meio em “portunhol”, mesmo com pessoas que falam em espanhol (Estudante 1).

Então tudo é por conta nossa, então a gente paga o nosso aluguel, a nossa luz, a nossa água, então essas são responsabilidades que são colocadas pra gente que antes eram pra nossa mãe, ou nosso pai então a gente não se preocupava com isso, hoje não, hoje é diferente, você tem toda essa questão de ta economizando dinheiro, de ta fazendo o seu orçamento mensalmente entendeu? É uma responsabilidade que antes eu não tinha, mas que aos poucos eu fui aprendendo, então tudo isso com certeza nos faz crescer (Estudante 4).

Por fim, a Estudante 7 declarou que as maiores transformações se deram em seu estilo de vida, uma vez que após a experiência do intercâmbio começou a repensar suas ideias e hábitos e passou a levar uma vida mais minimalista, reduzindo o seu lixo, se tornando vegetariana e fazendo trabalhos voluntários. “Eu acumulava muita coisa, agora eu ‘tô’ reduzindo o que eu não uso, reduzi o lixo e agora eu sou vegetariana, algo que eu nunca pensei, que ia seguir esse estilo de vida”.

Assim sendo, por meio da afirmativa da Estudante 7 conclui-se a seção de análise de dados desta pesquisa, foi possível observar através do confronto entre teoria e prática que de fato a adaptação de um indivíduo quando da sua locomoção para um país estrangeiro se baseia muito no que foi postulado na literatura acerca do assunto. Desse modo, a seção a seguir traz as conclusões deste estudo, bem como sugestões para futuros trabalhos acadêmicos acerca dessa temática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objetivo analisar o processo de adaptação cultural de estudantes de Ensino Superior e Pós-Graduação quando da sua locomoção para um país estrangeiro tendo por intuito realizar um intercâmbio acadêmico. Levando em consideração que o intercâmbio acadêmico é atualmente uma das principais ferramentas no processo de internacionalização de uma Universidade, faz-se necessário dar uma atenção especial ao processo de adaptação desses alunos, visto que caso os mesmos não venham a ter uma experiência de intercâmbio positiva, ambos, aluno e Instituição de Ensino sairão prejudicadas.

Quanto à problemática de estudo e objetivo geral desta pesquisa, de compreender como se dá o processo de adaptação cultural dos estudantes estrangeiros que se encontram em mobilidade acadêmica internacional na Universidade Federal do Ceará, percebeu-se que as maiores dificuldades inerentes ao processo de adaptação não são frutos, de fato, das diferenças culturais entre o Brasil e os países de origem desses estudantes, visto que os mesmos são provenientes de países africanos de língua portuguesa e de países localizados na América Latina que compartilham de muitas similaridades com a cultura do Brasil.

No entanto, as maiores dificuldades destacadas pelos estudantes são amplamente citadas na literatura, como se pôde perceber entre o confronto entre teoria e prática, podendo dessa forma ser antecipadas e tratadas pelos órgãos competentes da Universidade tendo por intuito minimizá-las tanto quanto possível e tornar a experiência dos intercambistas mais positiva, são elas, falta de instruções por parte da Universidade, problemas burocráticos, financeiros e acadêmicos, dificuldades para se comunicar, socializar com os colegas nativos e encontrar uma moradia.

No que se refere ao segundo objetivo específico, compreender os motivos que levam os estudantes estrangeiros a realizar o intercâmbio acadêmico na Universidade Federal do Ceará, pôde-se inferir que o fator qualidade acadêmica é o principal influenciador no processo de decisão dos estudantes, existindo, no entanto outros aspectos motivacionais, tais como, a proximidade geográfica, similaridades culturais, viabilidade financeira, busca por experiências internacionais e pela independência.

É possível observar, no entanto, que dentre as motivações destacadas pelos estudantes a única que de fato tem relação direta com a Universidade é a qualidade do ensino, e quanto a isso se sugere que a Universidade adote em seu programa curricular disciplinas mais inclusivas ministradas em outros idiomas (inglês/espanhol) tendo por intuito continuar

atraindo intercambistas que apesar de terem o desejo de participar do programa de mobilidade acadêmica se sentem inseguros quanto à questão do idioma, seria um diferencial para a Universidade.

Quanto ao terceiro objetivo específico, analisar o conhecimento cultural prévio que os estudantes estrangeiros tinham antes de vir ao Brasil e quais as expectativas com relação ao intercâmbio, constatou-se que sete dentre os oito entrevistados afirmaram não sentir dificuldades ou choque cultural quando da mudança para o Brasil; quatro desses estudantes, no entanto, eram provenientes de Cabo Verde e Angola que são países que assim como o Brasil foram colônia de Portugal e compartilham muitas similaridades culturais, os outros três alunos, por sua vez já haviam morado no Brasil anteriormente.

Apenas uma das entrevistadas demonstrou ter sentido dificuldades de adaptação cultural, visto que conhecia muito pouco acerca da cultura do Brasil. Assim sendo, é possível concluir a partir dos fatos observados o quanto é importante para o sucesso do processo de intercâmbio que o aluno seja previamente preparado acerca da cultura do país no qual irá se inserir. Faz-se necessário tentar tanto quanto possível antecipar o estudante acerca das novidades culturais com as quais ele irá se deparar antes da sua chegada de fato ao país estrangeiro.

No que diz respeito às expectativas, de modo muito similar ao segundo objetivo específico, os entrevistados afirmaram que suas maiores expectativas estavam relacionadas às questões acadêmicas, ao desejo de terem acesso a uma educação de qualidade e dessa forma estarem preparados para se inserir no mercado de trabalho quando do retorno para os seus países de origem. Outro ponto destacado foi a expectativa com relação à socialização com os colegas nativos brasileiros. Muitos entrevistados afirmaram não conseguir construir laços de amizade com os nativos e que isso os atrapalhou inclusive quanto ao rendimento acadêmico.

Conclui-se, portanto, que pelo fato desses estudantes estarem se sentindo solitários, longe de casa, dos seus familiares e amigos, ter em um primeiro momento um padrinho de nacionalidade brasileira para apoiá-los se faz necessário. Nesse sentido seria interessante que a Universidade auxiliasse de forma mais efetiva as ações do Programa de Apoio ao Intercambista (PAI) de modo a tornar o seu alcance maior e beneficiar, assim, mais estudantes.

Por sua vez, o quarto objetivo específico diz respeito a identificar o papel da Universidade no processo de adaptação dos seus estudantes estrangeiros, e nessa perspectiva infere-se a partir das declarações dos entrevistados que embora a Universidade Federal do Ceará tenha um papel fundamental no processo de recepção, orientação e inclusão dos seus alunos estrangeiros, ela vem desempenhando essas funções de forma superficial, fato este que inclusive despertou em alguns estudantes o desejo de retornarem aos seus países de origem ainda no começo do intercâmbio. Nesse sentido, recomenda-se aos órgãos responsáveis pelas questões internacionais da Universidade trabalhar esses três quesitos (recepção/orientação/inclusão) de modo a tornar para esses alunos a experiência do intercâmbio menos estressante.

Por seu turno, o quinto objetivo específico se propôs a entender como o intercâmbio gerou transformações no modo do estudante estrangeiro perceber a sua cultura de origem e a cultura brasileira. Nesse sentido, os estudantes ressaltaram que a experiência do intercâmbio não provocou neles transformações culturais significativas, mas pelo contrário, uma vez que estão longe de casa procuram acercar-se de pessoas da mesma nacionalidade tendo por intuito preservar suas raízes. Vale ressaltar, no entanto, que parte desses estudantes estrangeiros afirma que uma das razões para manter uma relação tão próxima com os seus conterrâneos foi o fato de não conseguirem estabelecer laços de amizade com os brasileiros.

Por fim, faz-se necessário salientar ainda que, tendo em vista o tamanho reduzido da amostra e que esta se deu por conveniência, não se pode expandir os resultados obtidos com os 08 (oito) estudantes entrevistados neste estudo para toda a população de intercambistas da Universidade Federal do Ceará. Em outras palavras, caso o estudo tivesse se dado com um número maior de alunos ou com um grupo diferente destes é possível que os resultados obtidos tivessem sido diferentes.

Quanto às limitações a realização desta pesquisa, ressalta-se a dificuldade em aplicar as entrevistas, tendo em vista que muitos estudantes não se dispuseram a participar da coleta de dados, só foi possível realizar as entrevistas junto a 08 alunos. Do mesmo modo, outro fator a ser destacado foram às respostas com pouco nível de detalhamento dadas por alguns dos entrevistados que, de certa forma, comprometeram a qualidade da pesquisa em questão.

Recomenda-se para a realização de futuras pesquisas que se trabalhe com um grupo de entrevistados compostos por estudantes provenientes de nacionalidades tidas como culturalmente distantes do Brasil, tais como os países da Ásia (China, Coréia do Sul, Japão, Etc), Europa (Rússia, Alemanha, Etc.), dentre outros. Pois desta forma seria possível observar

se as dificuldades envolvidas no processo de adaptação se dariam mais em torno das diferenças culturais ou de outros fatores, tais como dificuldades financeiras, socialização, burocráticas, etc., que foram as que mais se manifestaram neste trabalho.

Recomenda-se ainda que nas próximas pesquisas os docentes da universidade sejam entrevistados, para que assim seja possível conhecer a perspectiva desses sujeitos com relação a acolher alunos estrangeiros em suas salas de aula e quais pontos devem ser melhorados para que os alunos não se sintam perdidos com relação as matérias que estão sendo dadas e nem atrasados quando em comparação aos alunos nativos da universidade, que foram pontos de descontentamento ressaltados pelos estudantes entrevistados neste estudo.

REFERÊNCIAS

- AFS INTERCULTURAL PROGRAMS. **Modelos de Adaptação Cultural**, 2015. Disponível em: < <https://goo.gl/3cyo4Q> > Acesso em: 10 de Novembro de 2017
- ANDRADE, M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010. 158 p.
- ANTONIAZZI, L. **Mobilidade Estudantil no Ensino Superior: uma experiência de intercâmbio na Unicamp**. 2014. 77f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- ARI (ASSESS. DE REL. INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA). **Intercâmbio Acadêmico para Alunos da UEL**, 2015. Disponível em: < <http://www.uel.br/ari/pages/arquivos/Manual%20Intercambio%20Academico%20UEL.pdf> > Acesso em: 18 de Março de 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BECKER, L; STERNBERG, R. **Choque Cultural: um processo na vida de todo migrante**, 2016. Disponível em: < https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Berlim/pt-br/file/Choque%20cultural_Cartilha%20para%20publica%C3%A7%C3%A3o.pdf > Acesso em: 15 de Março de 2018.
- BLACK, J; MENDENHALL, M. *The U-CURVE adjustment hypothesis revisited: a review and theoretical framework*, 1990. Disponível em: < <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.844.2515&rep=rep1&type=pdf> > Acesso em: 18 de Março de 2018.
- BÜHLER, J. *La cultura en la Edad Media: el primer renacimiento de occidente*, 2005. Disponível em: < <https://goo.gl/iTuulx> > Acesso em: 17 de Março de 2018.
- CAMARA, R. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações**. Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), 179-191 P. jul - dez, 2013.
- CÁLCENA, E. **A mudança da identidade profissional em transições de carreira**. 2012. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- CARVALHO, J; BACKES, D; LOMBA, M; COLOMÉ, J. **Intercâmbio acadêmico internacional: uma oportunidade para a formação do futuro enfermeiro**. Revista de Enfermagem Referência, Série IV - n.º 10 - jul./ago./set. 2016.
- CASTRO, A; NETO, A. **O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina**. Revista Lusófona de Educação, 21, p. 69-96, 2012.
- CAZALES, Z; LEAL, M. *Internacionalización y Educación Superior*, 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/uDmTqK> > Acesso em: 5 de Março de 2018.
- DALMOLIN, I; PEREIRA, E; SILVA, R; GOUVEIA, M; SARDINHEIRO, J. **Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, p. 442-447 mai./jun, 2013.

DCE. **PEC-G: manual do estudante – convênio, 2017.** Disponível em: < http://www.internacional.ufes.br/sites/internacional.ufes.br/files/field/anexo/manual_do_estud_ante-convenio_pt_2017.pdf > Acesso em: 24 de Março de 2018.

EAGLETON, T. *La ideia de cultura: una mirada política sobre los conflictos culturales.* Barcelona: PAIDÓS, 2001. 201 p.

ERASMUS. **Do programa ERASMUS para o programa ERASMUS +: uma história de 30 anos, 2017.** Disponível em: < http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-17-83_pt.pdf > Acesso em: 18 de Março de 2018.

FRANKLIN, L; ZUIN, D; EMMENDOERFER; M. **Processo de internacionalização do ensino superior e mobilidade acadêmica:** Implicações para a gestão universitária no Brasil. Revista Internacional de Educação Superior, Campinas, SP v.4 n.1 p.130-151 jan./abr. 2017

GERHARDT, T; SILVEIRA, D. **Método de pesquisa.** [Organizado por] Tatiana Gerhardt e Denise Silveira; Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo curso de graduação tecnológico – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.184 p.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONZÁLEZ, J; AÑEZ; M; ALEXANDRE, M; OLIVEIRA, J. **Perspectivas Teóricas sobre a Adaptação do Expatriado:** uma Abordagem Multidimensional. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ENANPAD), XXXV, 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: 2011.

HAJAJ, M. *Cultural differences between the United States and Saudi Arabia*, 2016. Disponível em: < <https://www.slideshare.net/MotazHajajMSCSMA/cultural-differences-between-the-united-states-and-saudi-arabia> > Acesso em: 15 de março de 2018

HALL, E. *Beyond Culture.* New York: Anchor Books, 1976. 297 p.

HASLBERGER; A. *Facets and dimensions of cross-cultural adaptation: refining the tools.* *Personnel Review*, Vol. 34 No. 1, p. 85-109, 2005

LAKATOS, E; MARCONI, M. **Metodologia científica.** 6.ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Atlas, 2011. 314 p.

LIMA, M; MARANHÃO, C. **Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior:** multiculturalismo ou semiformação? Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 575-598, jul./set. 2011

LIMA, R. As causas e as consequências do fluxo migratório no povoado Brasília. **Revista eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira**, Lagarto, v.8, n.9, p. 187 – 202 nov. 2015.

LOMBAS, M. **A mobilidade internacional acadêmica:** característica dos percursos de pesquisadores brasileiros. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 19, no 44, p. 308-333, jan/abr 2017.

LUZÓN, J; CARDIM, M. **La internacionalización de los estudios superiores: El caso de la Universidad de Barcelona**, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/m6wVKP>>
Acesso em: 5 de março de 2018.

MARINUCCI, R; MILESI, R. **Migração no mundo**, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/MIGRA%C3%87%C3%83O-NO-MUNDO.pdf>>
Acesso em: 20 de Setembro de 2017

MEIJERINK, H. **Transição: a mudança do velho para o novo – o que isso faz com você?** 2011. Disponível em: <https://febrapdp.org.br/download/publicacoes/Mudancas_e_Transicoes.pdf>
Acesso em: 23 de Março de 2018.

MELGAR, E. **Geografia: os movimentos migratórios e suas causas**, 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u10187.shtml>>
Acesso em: 01 de Março de 2018

MUSCATO, C. **Cultural Iceberg: Theory & Model**, 2018. Disponível em: <<https://study.com/academy/lesson/culture-iceberg-theory-model.html>>
Acesso em: 20 de Março de 2018.

NAIDOO, V. **International education: A tertiary-level industry update. Journal of Research in International Education**, 2006.

NASCIMENTO, L; WANDERLEY, L; PENHA, Z; SOUZA, A. **Mobilidade Acadêmica Internacional e Educação para Sustentabilidade: relatos brasileiros**. In: Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA), XVI, 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

NOGUEIRA, M; AGUIAR, A; RAMOS, V. **Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares**. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 355-376, maio/ago. 2008

NUNES, L; VASCONCELOS, I; JAUSSAUD, J. **Expatriação de executivos**. (Coleção Debates em Administração) São Paulo: Thomsom Learning, 134p, 2008.

BERG, K. **Cultural Shock: Adjustment to New Cultural Environments. Practical Anthropology** 7: 177 – 182, 1960.

OECD. **Education at a Glance 2015: OCDE indicators**, 2015. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2015/long-term-growth-in-the-number-of-students-enrolled-outside-their-country-of-citizenship-1975-2012_eag-2015-graph210-en> Acesso em: 10 de Março de 2018.

OLIVEIRA, A; FREITAS, M. **Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes**. Revista Brasileira de Educação, Taubaté, v. 22 n. 70 jul.-set. 2017.

OLIVEIRA, M. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 5. ed., ampl. e atual. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2011. 197 p.

OPOVO. **UFC é a 10ª melhor do País, segundo Ranking Web of Universitie**. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/02/ufc-e-a-10-melhor-do-pais-segundo-ranking-web-of-universities.html>> Acesso em: 20 de Março de 2018.

PEDERSON, P. *The Five stages of cultural shock*, 1995. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=bgksySFDILQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false > Acesso em 10 de Março de 2018.

PONS, E; HERRERO, P; ANDRÉS, M. *La participación de los Estudiantes universitarios en programas de movilidad: factores y motivos que la determinan*. Revista Iberoamericana de Educación, n.º 42/5 – 25 de abril de 2007

PORTAL DA UFC. Disponível em: < <http://www.ufc.br/a-universidade> > Acesso em 25 de abril de 2018.

PRADO, E; COELHO, R. Migrações e trabalho. **Ministério Público do Trabalho**. Brasília, 2015. 236 p.

RIVZA, B; TEICHLER, U. *The Changing Role of Student Mobility*. Disponível em: < <https://link.springer.com/article/10.1057/palgrave.hep.8300163> > Acesso em: 17 de Março de 2018.

RODRIGUES, A. **Metodologia científica: completo e essencial para a vida universitária**. São Paulo, SP: Avercamp, 2006. 222 p.

SEVERINO, J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. Ver e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

STALLIVIERI, L; PILOTTO, D; GONÇALVES; R. **Análise da adaptação cultural de estudantes internacionais sob o ponto de vista das teorias da curva “u” e da curva “w”**. Revista GUAL, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 26-47, set. 2015.

STALLIVIERI, L. **Internacionalização e intercâmbio: dimensões e perspectivas**. 1 ed. Curitiba, PR: Appis, 2017. 293 p.

TRIBUNA DO CEARÁ. **UFC registra ano com maior número de estudantes estrangeiros matriculados**. Disponível em: < <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/ufc-registra-ano-com-maior-numero-de-estudantes-estrangeiros-matriculados/> > Acesso em: 25 de Março de 2018.

TYLOR, E. *Primitive Culture, Researches Into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*, 1871. Disponível Em: < https://play.google.com/books/reader?id=AucLAAAIAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PP13 > Acesso em: 20 de Março de 2018

UFC. **Consuni aprova Plano de Internacionalização e institui comitê específico para a área**. Disponível em: < <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2017/10184-consuni-aprova-plano-de-internacionalizacao-e-institui-comite-especifico-para-a-area> > Acesso em: dia 10 de maio de 2018.

UFC. **Internacionalização da UFC é imperativo institucional, diz Reitor em seminário na Famed**. Disponível em: < <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2017/9940-internacionalizacao-da-ufc-e-imperativo-institucional-diz-reitor-em-seminario-na-famed> > Acesso em: dia 10 de maio de 2018

UFC. **Lema, Missão, Visão e Compromisso**. Disponível em: < <http://www.ufc.br/a-universidade/conheca-a-ufc/60-lema-missao-visao-e-compromisso>> Acesso em: dia 10 de maio de 2018

UFC. **O modelo de internacionalização que a UFC quer**. Jornal da UFC Nº 78 - Maio de 2017 - Ano 14.

UFC. **Plano de Internacionalização da UFC**. Disponível em: < http://www.ufc.br/images/files/a_universidade/plano-internacionalizacao-ufc/plano-internacionalizacao-ufc.pdf> Acesso em: dia 10 de maio de 2018

UFES. **Secretaria de Relações Internacionais**, 2018. Disponível em: < <http://www.internacional.ufes.br/pt-br/pec-g> > Acesso em: 24 de Março de 2018.

UNESCO. **BRICS construir a educação para o futuro**, 2014. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002296/229602por.pdf> > Acesso em: 10 de Março de 2018.

VERGARA, S. **Método de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

ZUBIETA, E; SOSA, F; BERAMENDI, M. *Adaptación Cultural, actitudes hacia el multiculturalismo y ansiedad intergrupal en población militar*, 2011. Disponível em: < <https://www.uv.es/seoane/boletin/previos/N102-4.pdf> > Acesso em: 17 de Março de 2018.

ANEXO A – INFOGRÁFICO TRIBUNA DO CEARÁ



Ano	1982	1981	1980	1979	1978	1977	1976	1975	1974
Cursos	11	15	13	12	12	14	8	9	1
Alunos	00	00	00	00	00	00	00	00	00

DADOS GERAIS SOBRE OS ESTRANGEIROS

Primeiro estrangeiro a estudar na UFC

					
Nome do Aluno	País	Curso	Tempo na UFC	Ingresso	Termino
Robles Daza Adhemar	Bolívia	Engenharia Civil	6 anos e meio	1974.1	1980.1

Ano com maior número de estrangeiros estudando da UFC

2015

72

Total de alunos estrangeiros nos últimos 41 anos

1974 a 2015

536

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA 1 (INTERCAMBISTA)**I – INFORMAÇÕES GERAIS DO INTERCAMBISTA**

(1) Nome: _____

(2) Idade: _____ **(3) Nacionalidade:** _____

(3) Curso: _____

(5) Há quanto tempo está estudando na UFC: _____

(6) Gênero: () Masculino () Feminino

(7) Por que você escolheu o Brasil como país hospedeiro para a realização do seu intercâmbio? Você veio estudar aqui por meio de algum convênio entre o Brasil e o seu país de origem, ou algum programa de incentivo ao intercâmbio?

(8) Por quais razões você decidiu estudar em outro país?

(9) Quais benefícios você espera que o intercâmbio lhe proporcione? (Você está em busca de experiências acadêmicas, profissionais, culturais...?)

(10) Antes de vir para o Brasil, você já conhecia algo sobre a cultura do país? Você sentia afinidade com o país? Isso facilitou ou dificultou a sua adaptação no país?

(11) Antes de vir para o Brasil, quais eram as suas expectativas com relação ao País? E depois que você veio para cá, você se sentiu frustrado/decepcionado com relação a alguma dessas expectativas?

(12) Você acredita que após entrar em contato e conviver diariamente com a cultura brasileira, você passou por transformações culturais (no modo de falar, de se vestir, gestos, Etc.)? Atualmente, o que predomina mais em você a sua cultura de origem ou a brasileira? Com qual das duas culturas você se identifica mais?

(13) Quais foram as principais dificuldades que você experimentou ao chegar ao Brasil e ao longo do intercâmbio quais são as principais dificuldades que você vem sentindo? (Financeira, moradia, idioma, burocráticas, dificuldades acadêmicas, choque cultural...)

(14) As dificuldades que você enfrentou auxiliaram, de alguma forma no seu processo de aprendizagem/ adaptação aos costumes brasileiros? Você “aprendeu” com os seus erros?

(15) Você pode descrever como foram os seus primeiros meses no Brasil? E como foi a sua experiência de adaptação (aos costumes, idioma, comida, crenças, Etc.)? Demorou quanto tempo pra você se sentir de fato “adaptado” ao Brasil?

(16) Você acredita que a Instituição (UFC) tem um papel importante no seu processo de adaptação? Há algo que a Universidade possa fazer para ajudá-lo no seu processo de adaptação?

(17) Você acredita que a UFC está bem preparada para acolher estudantes estrangeiros? Quando você chegou ao Brasil (e a UFC) você recebeu apoio e orientações da Administração da Faculdade? A Universidade oferece algum tipo de apoio (não só financeiros)?

(18) Você considera a socialização com os estudantes nativos da Universidade um fator importante para o seu processo de adaptação? Como é o seu relacionamento com os colegas brasileiros? O seu relacionamento com os brasileiros influencia de alguma forma na adaptação cultural?

(19) Para que o processo de intercâmbio seja bem sucedido (ter bons rendimentos acadêmicos, experiências profissionais positivas, Etc.) você considera ser necessário que o intercambista se adapte (se integre) a cultura do país onde está vivendo?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA 2 (GESTOR)

- (1) Como se dá a vinda dos estudantes estrangeiros para a Universidade Federal do Ceará (UFC)?
- (2) Qual o papel da Universidade no processo de adaptação dos alunos estrangeiros que vêm estudar aqui na UFC?
- (3) De que forma vocês auxiliam/ dão suporte a esses alunos estrangeiros?
- (4) Na sua percepção, atualmente a Universidade Federal do Ceará está preparada para receber de modo adequado esses estudantes estrangeiros ou há mais algum fator a ser melhorado/desenvolvido?
- (5) Você considera importante que o aluno tenha uma adaptação adequada (aos costumes, idioma, Etc), para ter um bom desempenho acadêmico?
- (6) Quais são os prejuízos incorridos a Universidade caso o aluno não tenha uma boa adaptação e por isso acabe obtendo resultados acadêmicos negativos durante o processo de intercâmbio?
- (7) Quais benefícios o intercâmbio pode trazer para a Universidade Federal do Ceará e para os intercambistas?